



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Rodrigo Selmo da Silva

“Carlinda me falou que tu não falou a sua mãe a respeito disto”: a variação
teu/seu no paradigma de segunda pessoa do singular em cartas de amor interioranas do
século XX

Serra Talhada
2021

Rodrigo Selmo da Silva

“Carlinda me falou que tu não falou a sua mãe a respeito disto”: a variação teu/seu no paradigma de segunda pessoa do singular em cartas de amor interioranas do século XX

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, campus Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para a obtenção do título de graduado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde

Serra Talhada
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586

Silva, Rodrigo Selmo da

“Carlinda me falou que tu não falou a sua mãe a respeito disto”: a variação teu/seu no paradigma de segunda pessoa do singular em cartas de amor interioranas do século XX: Estudo sobre variação / Rodrigo Selmo da Silva. - 2021.
78 f. : il.

Orientador: Cleber Ataíde.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras, Serra Talhada, 2021.

1. Cartas de amor. 2. Pronomes possessivos. 3. Variação linguística. 4. Linguística Histórica. 5. Português brasileiro. I. Ataíde, Cleber, orient. II. Título

CDD 410

“CARLINDA ME FALOU QUE TU NÃO FALOU A SUA MÃE A RESPEITO DISTO”: A VARIAÇÃO TEU/SEU NO PARADIGMA DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR EM CARTAS DE AMOR INTERIORANAS DO SÉCULO XX

RODRIGO SELMO DA SILVA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, campus Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para a obtenção do título de graduado em Letras.

ORIENTADOR: PROF. DR. CLEBER ATAÍDE

APROVADA EM: 24/02/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde
(UFRPE-UAST)

Prof. Dr^a. Dorothy Bezerra Silva de Brito
(UFRPE-UAST)

Prof. Dr^a Jane Cristina Beltramini Berto
(UFRPE-UAST)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço a Deus por permitir a minha existência e aos meus pais Selmo e Lindací por todo o apoio e amor a mim direcionados.

Aos meus irmãos Leilton, Leilson, Helenildo, Selma Larice e Lindalice por todo o nosso companheirismo, apoio e união.

Ao meu amigo João Paulo, foi você quem me inscreveu no ENEM e quem me inscreveu no SISU. Eu só recebi a notícia que tinha passado para cursar letras na Rural. Eterna Gratidão!

Ao governo **Lula** por criar o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Foi graças a essa política que eu tive acesso à universidade Federal. Ao meu presidente Lula eterna gratidão!!!

À minha madrinha Maria Rodrigues, que sempre foi fonte de inspiração, força e humildade. Sou grato pelos ensinamentos e incentivos em ser sempre “o menino curioso”. À senhora eu dedico essa monografia e a conquista de um curso superior.

À minha tia Mariquinha e às minhas primas Geraldina, Vania, Sandra, Dilene e Dilma por terem me adotado e me apoiado durante essa caminhada.

Ao grupo Pajeú por ter me concedido o meu primeiro trabalho formal, o que garantiu a minha permanência na cidade de Serra Talhada.

Ao professor Cleber Ataíde, meu orientador, por ter me apresentado os caminhos da linguística Histórica desde o primeiro período, no ano de 2016, também agradeço a confiança, paciência, tempo e atenção dispensadas a mim.

Ao professor Adeilson, por ter acreditado em mim no compromisso de me tornar bolsista do PET e por todos os ensinamentos enquanto tutor do programa.

À professora Larissa Cavalcanti pelos ensinamentos, parcerias em trabalhos e aconselhamentos. Você contribuiu muito com a minha formação!!!

Às professoras Jane Cristina, Lílian Noêmia, Maria de Fátima e Socorro Almeida pelo jeito humano de ensinar e fazer ciência. Com vocês eu aprendi que é possível sim não se deixar enrijecer em meio a tantas cobranças que a vida acadêmica nos delega.

Às professoras Dorothy Brito, minha tutora no PET, e a professora Renata Livia por me acompanharem durante a minha caminhada enquanto bolsista PIC, pela paciência, correções, sugestões e indicações de leitura.

Ao meu amigo irmão Eduardo, por todas as parcerias em trabalhos, pela parceria na vida e por todas as experiências. Você é muito especial, sem sombra de dúvidas, ter conhecido você foi um dos maiores ganhos que a universidade me propiciou.

À minha amiga Elayne Souza, por ter se tornado a minha irmã e ter me acompanhado durante essa caminhada. Te amo!!!

À minha amiga Rebeca Rocha, minha amiga e primeira parceira em projetos de pesquisa e trabalhos acadêmicos. Eu cresci muito ao teu lado!

Aos meus amigos e irmãos Hígor e Diógenes, vocês são muito mais do que colegas de apartamento. Obrigado por todos os momentos singulares que vivenciamos ao longo desses anos.

Aos meus primos Lelo e Cris, pela nossa amizade, companheirismo e boas conversas. Vocês foram fundamentais para a minha adaptação em Serra Talhada.

Ao meu irmão Ewerton Marques, que surgiu de forma inesperada e nunca mais saiu da minha vida. Obrigado por tudo!

Ao meu amigo Deivid, pelo incentivo e força para tentar a seleção de mestrado da UFPE. Foi tudo tão rápido e inesperado que só foi possível graças a tua ajuda.

À minha turma, a melhor turma que pode existir, parceira, unida e solidária, nós nos tornamos uma família, a família Letras 2016.2.

Aos meus colegas de grupo de estudo Talles, Victor, Elayne, Eduardo, Antônia, Sheila, Andrelice e Silvani, pela parceria e troca de conhecimentos ao longo dessa trajetória. Essa pesquisa só foi possível mediante o trabalho de todos nós.

Aos meus sobrinhos e afilhados Tiago, Jeferson, Tauany, Ana Lívia, Gael, Júlio e Levy. Por vocês eu busco um futuro melhor para os incentivar em seus estudos.

Ao meu amigo Carlos Álack por toda a nossa parceria em trabalhos, conversas e convivências no PET e na graduação.

A todas e todos que fazem a Escola Osmar de Souza Ferraz, sou eternamente grato a vocês por toda a dedicação, ensinamentos e aprendizados.

Ao Programa de Educação Tutorial (PET) e ao Programa de Iniciação Científica (PIC), por todos os ensinamentos profissionais e pessoais no fazer científico.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), por ter me propiciado muitos conhecimentos sobre a Linguística Histórica.

EPÍGRAFE

“Riacho do Navio
Corre pro Pajeú
O rio Pajeú vai despejar
No São Francisco
O rio São Francisco
Vai bater no meio do mar
O rio São Francisco
Vai bater no meio do mar

Ah, se eu fosse um peixe
Ao contrário do rio
Nadava contra as águas
E nesse desafio
Saía lá do mar pro
Riacho do navio
Eu ia direitinho pro
Riacho do navio

Pra ver o meu brejinho
Fazer umas caçada
Ver as pegá de boi
Andar nas vaquejada
Dormir ao som do chocalho
E acordar com a passarada
Sem rádio e sem notícia
Das terra civilizada
Sem rádio e sem notícia
Das terra civilizada”

(Riacho do Navio - Luiz Gonzaga)

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa **teu/tua/seu/sua** e investigar se é estabelecida a concordância com os pronomes pessoais **tu** e **você** na posição de sujeito. O nosso *corpus* é constituído por 153 cartas pessoais do século XX, do subgênero carta de amor, pertencentes ao banco informatizado de textos do Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco (LEDOC). Na análise dos dados, consideramos tanto aspectos linguísticos quanto os aspectos socio-pragmáticos dessa variação. Para tanto, utilizamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972). Adotamos também os pressupostos da Tradição Discursiva (KABATEK, 2006) e de teorias que tratam do estudo das relações estabelecidas na interação entre os missivistas, como, por exemplo, a teoria do Poder e solidariedade (BROWN E GILMAN, 1960) e a Teoria da Polidez (Brown e Levinson, 1987) para a discussão dos dados. Na análise dos dados, a única variável extralinguística controlada foi a de gênero. Em se tratando das variáveis linguísticas, selecionamos como categoria de análise a posição de sujeito, a classificação das cartas, a categoria preenchida e não preenchida de sujeito, a semântica do termo possuído, a posição do possessivo em relação ao substantivo e a estrutura composicional da carta. Como resultados, nas 153 cartas pernambucanas, identificamos 319 ocorrências do fenômeno analisado, que se distribuem em 202 ocorrências de **seu** e 117 de **teu**. Também foi verificado que há concordância entre as formas **você-seu**, **tu-teu** e que, a partir da década de 90, as formas **você-seu** são quase unânimes no *corpus*. A partir do controle da categoria preenchida e não preenchida de sujeito identificamos que já na década de 90, o **teu** ainda apresenta resistência quando o **você** está na categoria não preenchida de sujeito. Observamos também que as mulheres tendem a preservar as formas canônicas **tu-teu**. Em relação à estrutura composicional da carta, identificamos que o possessivo **seu** junto à seção de despedida e do P.S. formam uma Tradição Discursiva. No que diz respeito ao controle da semântica do termo possuído, essa variável não se mostrou relevante na variação dos possessivos. Por fim, o controle da variável posição do possessivo em relação ao termo possuído mostrou que, no português brasileiro, os possessivos da segunda pessoa ocupam a posição pré-nominal.

Palavras-Chave: Cartas de amor. Pronomes possessivos. Variação linguística. Linguística Histórica. Português brasileiro.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the variation of second-person possessive in Brazilian Portuguese **teu/tua/seu/sua** and to investigate whether the agreement with the personal pronouns **tu** and **você** in the position of subject is established. Our corpus consisted of 153 personal letters from the 20th century, in the subgenre love letter, which are part of the computerized text bank of the Pernambuco Linguistic Documentation Laboratory (LEDOC). Data analysis focused on both linguistic and socio-pragmatic aspects of that variation, based on the theoretical assumptions of Historical Sociolinguistics (CONDE SILVESTRE, 2007) and Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972). The discussion of our findings also relied on assumptions of Discursive Tradition (KABATEK, 2006) as well as of theories that deal with the study of the relationships established in the interaction between the correspondents, such as, for example, the theory of Power and solidarity (BROWN AND GILMAN, 1960) and Theory of Politeness (Brown and Levinson, 1987). In the analysis, only the extralinguistic variable gender was controlled. Regarding the linguistic variables, the following categories were selected: the position of subject, the classification of letters, filled and unfilled subject, the semantics of the possessed element, the position of the possessive in relation to the noun and the compositional structure of the letter. As a result, in the 153 letters from Pernambuco, we identified 319 occurrences of the analyzed phenomenon, which are distributed in 202 occurrences of **seu** and 117 of **teu**. It was also verified that there is agreement between the forms **tu-teu**, **você-seu** and that, from the 90s, the forms **você-seu** are almost unanimous in the *corpus*. From the control of the filled and unfilled category of subject we identified that already in the 90's, the **teu** still shows resistance when **você** are in the unfilled category of subject. We also observed that women tend to preserve the canonical forms **tu-teu**. Regarding the compositional structure of the letter, we identified that the possessive of **seu** next to the Farewell Section and the P.S. formed a Discursive Tradition. With regard to the control of the semantics of the term owned, this variable was not relevant in the variation of the possessives. Finally, the control of the variable position of the possessive in relation to the term possessed showed that, in Brazilian Portuguese, the possessives of the second person occupy the pre-nominal position.

Keywords: Love Letters. Possessive Pronouns. Linguistic Variation. Historical Linguistics. Brazilian Portuguese.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Os pronomes você , seu e <i>dele</i> em gramáticas prescritivas.	(19)
Quadro 2: Os pronomes você , seu e <i>dele</i> em gramáticas descritivas.....	(19)
Quadro 3: O sistema pronominal em diferentes regiões do Brasil.....	(20)
Quadro 4: Os pronomes possessivos no português brasileiro.	(21)
Quadro 5: Estudos que se ativeram a variação teu/seu e seu/ <i>dele</i>	(22)
Quadro 6: Organização do <i>corpus</i>	(36)
Quadro 7: Ocorrências gerais do teu e seu em referência ao tu e você	(37)
Quadro 8: Classificação das cartas.	(48)
Quadro 9: Os possessivos teu e seu em referência a tu e você nas categorias preenchida e não preenchida de sujeito.	(55)
Quadro 10: A classificação das cartas de acordo com o fator gênero.....	(56)
Quadro 11: Ocorrências de teu/seu nas cartas das missivistas	(57)
Quadro 12: Ocorrências de teu/seu nas cartas dos missivistas.....	(58)
Quadro 13: Os possessivos teu e seu ao longo da estrutura composicional da carta de amor.....	(68)

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ocorrências dos pronomes tu e você ao longo das três décadas.	(47)
Gráfico 2: Ocorrências gerais dos possessivos teu/seu	(49)
Gráfico 3: Ocorrências gerais dos possessivos em cada tipo de carta.....	(50)
Gráfico 4: A concordância entre tu/você e teu/seu nas cartas do casal da década de 50.....	(51)
Gráfico 5: A concordância entre tu/você e teu/seu nas cartas do casal da década de 70.	(52)
Gráfico 6: A concordância entre tu/você e teu/seu nas cartas do casal da década de 90	(53)
Gráfico 7: A semântica do termo possuído	(61)
Gráfico 8: A posição dos pronomes possessivos em relação ao termo possuído.	(63)
Gráfico 9: Ocorrências gerais dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta.	(66)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	16
1 A INSERÇÃO DO VOCÊ NO QUADRO PRONOMINAL, OS PRONOMES POSSESSIVOS EM GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS E O SUBSISTEMA DE POSSE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	16
1.1 A inserção do pronome você no quadro pronominal do português brasileiro.....	16
1.2 O você e teu/seu/tua/sua em gramáticas do português	18
1.3 Sobre a variação do subsistema pronominal de posse.....	22
CAPÍTULO II	26
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	26
2.1 A Sociolinguística Variacionista	26
2.2 A Sociolinguística Histórica.....	28
2.3 A Teoria do Poder, Solidariedade e Polidez.....	30
2.4 As Tradições Discursivas	31
CAPÍTULO III	33
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A DESCRIÇÃO DO CORPUS E A ESCOLHA DOS FATORES DE ANÁLISE.	33
3.1 A carta de amor como objeto de estudo para Sociolinguística Histórica	33
3.2 O <i>corpus</i>	35
3.3 A localidade das cartas	37
3.4 O perfil social dos missivistas	38
3.5 Algumas dificuldades encontradas no <i>corpus</i>	40
3.6 Os fatores de análise	41
3.6.1 As formas na posição de sujeito	41
3.6.2 A variável gênero como fator condicionante da variação teu/seu.....	42
3.6.3 O valor semântico do termo possuído	43
3.6.4 Posição do possessivo em relação ao termo possuído.....	43
3.6.5 A estrutura composicional da carta	44
CAPÍTULO IV	46
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	46
4.1 Quantitativo geral das ocorrências de tu/você e teu/seu.....	46
4.2 A concordância entre tu-você e teu-seu.....	49
4.3 A variável gênero.....	56

4.4 O valor semântico do possessivo.....	60
4.5 A posição do possessivo em relação ao termo possuído	62
4.6 A estrutura composicional da carta como fator condicionante da variação	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

Segundo Oliveira e Silva (1982), a instabilidade do quadro pronominal do português brasileiro foi iniciada pelo surgimento das formas **você** e *a gente*. Com a entrada, principalmente, do pronome **você**, iniciou-se desde então um contexto de variação entre **tu** e **você** no sistema pronominal. O comportamento dessas variantes pode ser mais nitidamente observado no trabalho desenvolvido por Souza (2012).

Ao analisar esse fenômeno em cartas cariocas no período de 1870-1970, a autora constatou que o comportamento da forma inovadora **você** se apresenta de forma distinta, sendo possível identificar três fases, conforme apresentado por Souza (2012, p. 90):

- 1ª fase: de 1870 a 1890 **você** era menos produtiva que a forma **tu**;
- 2ª fase: de 1900 a 1930 a distribuição das duas formas se alterou, apresentando índices de frequência bastante equilibrados;
- 3ª fase: de 1930 a 1970, a forma inovadora **você** passa a ter uso majoritário com o declínio do pronome **tu**.

Conforme Lopes (2012), essa migração não causou alterações somente no sistema dos pronomes pessoais, mas também nos sistemas dos possessivos, dos pronomes-complemento (os pronomes oblíquos átonos), na formação do imperativo e na conjugação verbal. A migração das formas pronominais de terceira pessoa para a segunda, como o caso do possessivo **seu**, ocasionou a variação também entre os pronomes possessivos **teu/seu**.

Com base nessas informações, nessa pesquisa tomamos como foco a instabilidade causada no sistema possessivo. O objetivo do estudo é investigar a concordância estabelecida entre os pronomes pessoais **tu** e **você** na posição de sujeito e as formas possessivas de segunda pessoa do singular **teu/tua/seu/sua**. Para tanto, a pesquisa utilizará 153 cartas de amor escritas na região do sertão do Pajeú, interior do estado de Pernambuco. Para nortear essa investigação, foram elencadas as seguintes questões, as quais a pesquisa se propõe a buscar respostas:

1. Como se comportam as formas variantes **teu/seu** no *corpus*?
2. Quando a forma **você** está na posição de sujeito qual o pronome possessivo utilizado para a indicação de posse?

3. Quais os fatores linguísticos e extralinguísticos estão associados a variação da frequência de uso **teu/seu**?

O nosso objetivo geral é investigar a concordância estabelecida entre os pronomes pessoais **tu** e **você** na posição de sujeito e as formas possessivas de segunda pessoa do singular **teu/seu**. Esse objetivo está sistematizado pelos seguintes objetivos específicos:

1. Identificar os usos dos pronomes possessivos **teu** e **seu** como indicadores de posse para a segunda pessoa do singular;
2. Identificar os contextos morfossintáticos e sócioestilísticos dos pronomes possessivos **teu** e **seu**. Interessa-nos aqui identificar se há contextos que propiciem tal variação;
3. Identificar, nas cartas, a concordância estabelecida entre os pronomes possessivos de segunda pessoa e os pronomes pessoais **tu** e **você** quando na posição de sujeito.

Para tanto, com base no levantamento bibliográfico de alguns estudos que se debruçaram a este fenômeno, elencamos as seguintes hipóteses e pressupostos:

1. A variação presente entre os pronomes possessivos de segunda pessoa do singular pode ser explicada a partir do princípio do não paralelismo de correspondência de formas. Em face disso, nos contextos em que o pronome **tu** é realizado como sujeito, espera-se a ocorrência da forma possessiva **teu**, por outro lado, em contextos de realização do **você**, espera-se o correlato **seu** (PEREIRA, 2016);
2. As mulheres tendem a preservar mais as formas conservadoras **tu-teu** por serem as formas mais *solidárias* e os homens tendem a utilizar com maior frequência as formas inovadoras **você-seu** por questões de *poder*;
3. As variantes **teu** e **seu** são condicionadas pela posição do possessivo em relação ao substantivo: **teu** é mais ocorrente em posição pré-nominal e o **seu** é mais ocorrente em posição pós-nominal;
4. A semântica do termo possuído condiciona as variantes **teu** e **seu**: **teu** é mais utilizado para realizar a indicação de posse de substantivos animados e o possessivo **seu** de substantivos inanimados.
5. Na distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta, o possessivo **teu** é mais ocorrente na abertura na carta e início do núcleo da carta. O possessivo **seu** é mais ocorrente nas partes finais da carta.

As respostas aos nossos questionamentos e às confirmações das nossas hipóteses estão sistematizadas nesta monografia, a qual está estruturada em quatro capítulos. A começar por esta **introdução**, em que apresentamos uma breve contextualização respaldada em estudos que expliquem o objeto de estudo. A natureza do nosso objeto se constitui da variação entre os possessivos **teu/seu**, ocasionada após inserção do pronome **você** no quadro pronominal.

Na sequência, no **Capítulo I**, apresentamos um levantamento bibliográfico que se inicia com estudos sobre a inserção do **você** no quadro pronominal. Na seção seguinte apresentamos uma análise comparativa sobre a indicação de posse no português brasileiro entre gramáticas normativas-prescritivas de Almeida (1951); Said Ali (1969); Rocha Lima (1983); Bechara (2002) e gramáticas descritivas-funcionalistas de Neves (2000), Castilho (2010). E, por fim, para enquadrar o nosso fenômeno, na sequência, apresentamos o levantamento bibliográfico das dissertações e teses que se ativeram ao paradigma dos possessivos de segunda pessoa, **teu/seu**.

No **Capítulo II**, por sua vez, apresentamos uma breve revisão bibliográfica das teorias que embasam a pesquisa: as teorias da Sociolinguística Variacionista e da Histórica, a teoria do Poder, Solidariedade e Polidez e o conceito de Tradição Discursiva. Em seguida, no **Capítulo III**, descrevemos os passos metodológicos utilizados no tratamento do *corpus* e os fatores selecionados para análise dos dados.

Posteriormente, no **Capítulo IV**, apresentamos os resultados desta investigação sobre a variação entre os pronomes possessivos **teu/seu** e a possível concordância com os pessoais **tu** e **você** na posição de sujeito. Além disso, apresentamos os resultados obtidos por meio do controle das variáveis dependentes selecionadas. Por fim, concluímos com as **Considerações Finais** da pesquisa.

CAPÍTULO I

1 A INSERÇÃO DO VOCÊ NO QUADRO PRONOMINAL, OS PRONOMES POSSESSIVOS EM GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS E O SUBSISTEMA DE POSSE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, apresentamos uma discussão sobre o surgimento do **você** com base em Faraco (1982), Menon (1996), Souza (2012). Também apresentamos uma análise comparativa entre gramáticas normativas-prescritivas e descritivas-funcionalistas sobre como é apresentado o quadro de possessivos após o surgimento do pronome **você**. Por fim, finalizamos o capítulo com a apresentação dos estudos já realizados sobre a variação **teu/seu**.

1.1 A inserção do pronome você no quadro pronominal do português brasileiro

A inserção da forma **você** no quadro pronominal acarretou não só o processo de variação **tu/você**, mas também acarretou mudanças na indicação de posse para a segunda pessoa do singular. Segundo Souza (2012), as formas **teu/seu** como variantes, estão diretamente relacionadas ao comportamento das formas tratamentais na posição de sujeito, **tu/você**. Diante disso, nesta seção, apresentaremos os resultados de pesquisas buscando explicar o surgimento e inserção da nova pronominal **você**.

Sobre a temática, Faraco (1982) realizou um estudo em Portugal no qual mostra que as formas **tu** e *vós* se apresentam de forma estável no país desde o século XIV. De meados desse século em diante, notou-se que, com o avanço econômico no país, propiciado pelas grandes navegações e o estabelecimento de rotas comerciais, o poder do reino intensificou e a burguesia ascendeu.

Faraco (1982) afirma que esses fatos estimularam mudanças tanto nas relações sociais quanto nas formas de tratamento, pois as construções utilizadas ao nos referirmos a interlocutores que exigem um traço de respeito e cerimônia são levadas em consideração nos atos comunicativos. Segundo o autor, no século XIV, o plural de **tu** era demarcado pelo pronome *vós*, sendo utilizado em relações assimétricas, ou seja, em relações em que há um grau de inferioridade e superioridade nas relações sociais estabelecidas entre os falantes.

Desta forma, *vós* era utilizado em relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior); e o pronome **tu** era a forma utilizada em relações simétricas ou assimétricas descendentes (de superior para inferior). Com a ascensão da classe burguesa, a forma *Vossa*

Mercê, antes destinada ao se dirigir ao rei, passou a ser reclamada pelos burgueses que assumiram uma nova posição social. Em decorrência, foram criadas formas tratamentais polidas para se referir à nobreza e a forma *Vossa Mercê* passou a ser utilizada entre as classes menos favorecidas.

Ao longo dos anos, a referida forma se pôs a variar, tal variação ocorreu, inicialmente, no nível da fonética (*Vossa Mercê* => *vosmicê* => *vancê* => **você**). Posteriormente, ocorreu uma variação no nível semântico em decorrência da perda do papel honroso que representava anteriormente (FARACO, 1982). Atualmente, em alguns dialetos do português brasileiro, nota-se mais duas variações da forma **você**, a saber, *ocê*¹ => *cê*, como em: “Cê vai trabalhar hoje?”.

Ainda sobre o nível da fonética, Ramos (1989) ressalta que **você** vem sofrendo, na língua falada, uma frequente perda da forma tônica ao clítico *Ce*. Segundo Arduin (2005), embora a forma **você** tenha sofrido essas mudanças fonéticas e semânticas, a referida forma sempre foi utilizada como tratamento ao interlocutor. Inicialmente, sendo utilizada em relações assimétricas ascendentes, posteriormente nas descendentes e, por fim, nas relações simétricas.

Em se tratando do nível sintático, Menon (1996) diz que a locução nominal *vossa mercê*, que é constituída pelo pronome possessivo *vosso* e o substantivo *mercê*, estabelecia concordância apenas com verbos flexionados na terceira pessoa do singular. Com base em Reighard (1978 *apud* 1996) e Hopper e Traugott (1993), a autora explica que, ao ser empregada em contextos de segunda pessoa, tal forma passa a funcionar como pronome, ocorrendo assim sua *gramaticalização*.

Como resultado, surgiu uma situação instável entre as regras normativas de concordância. Essa instabilidade decorre do fato de que a concordância permanecer sendo realizada com o verbo em 3ª pessoa, ainda em referência a quando a forma não era utilizada como pronome.

Para a autora, acredita-se que esse processo implicou a perda da marca morfológica de segunda pessoa. Agora, o **você** passa a ter uma forma *não-marcada* idêntica à de terceira pessoa, além das já possuídas formas referentes à segunda pessoa canônica **tu**. Todo esse processo resulta em uma situação indissociável das formas de segunda e de terceira pessoa do verbo.

¹ Variante falada em Minas Gerais (Ramos, 1997).

Após esse levantamento, na próxima seção, apresentamos uma análise de como o subsistema de posse no Português é tratado em gramáticas brasileiras. Nosso interesse é fazer uma descrição se há registros de variação de usos dos pronomes **teu/tua/seu/sua** e se há menções do **você** como pronome pessoal.

1.2 O você e teu/seu/tua/sua em gramáticas do português

No latim, a indicação de posse é realizada pelos possessivos que se referem ao caso genitivo. Esse corresponde, no português, à função de adjunto adnominal restritivo que é o complemento que restringe um nome. Segundo Almeida (1951), no português, ao utilizarmos uma frase como “*Casa de Pedro*”, ao atribuirmos o complemento *de Pedro* a palavra *casa*, estamos restringindo a possibilidade de essa palavra ter qualquer outro referente como possuidor.

Nesse sentido, *de Pedro*, ao mesmo tempo em que completa o sentido de *casa*, está restringindo, está especificando essa palavra. Almeida (1951) diz que o adjunto adnominal restritivo vem sempre acompanhado da preposição *de*. No entanto, não se configura como regra que a preposição indique sempre um adjunto restritivo, embora, ela sempre anteceda o adjunto e geralmente indique posse.

Para Bechara (2002) e Neves (2000), no português, a indicação de posse apresenta um maior número de possibilidades em relação à língua latina, podendo ser indicada por: (1) estruturas nominais mediante o emprego de possessivos, **teu livro**; (2) frases prepositivas com valor genitivo formadas por *de* + substantivo, *de* + pronome pessoal, *de* + pronome de tratamento, *o livro de Maria*, *o livro dela*, *o livro da senhora*; (3) através de pronomes relativos possessivos, *Pedro, cujo livro*²; e (4) através de verbos que a indiquem, *Laura tem um livro*, *Laura possui um livro*.

Podemos observar que em todas as formas apresentadas sempre haverá uma entidade possuída que se relaciona com outra entidade que a possui. Postas essas informações, passemos ao que as gramáticas dizem a respeito do subsistema dos possessivos. Nos quadros a seguir, apresentamos os resultados de uma análise entre gramáticas normativas-prescritivas: Said Ali (1969), Rocha Lima (1983), Bechara (2002); e gramáticas descritivo-funcionalistas: Neves (2000) e Castilho (2010), em que observamos como são apresentados o pronome **você**, e os possessivos **seu** e *dele*:

² Segundo Bechara (2002), *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (dela), *do qual* (da qual): O livro cujas páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Quadro 1: Os pronomes *ocê, seu e dele* em gramáticas prescritivas.³

Gramáticas Normativas-prescritivas	<i>Você</i> como pronome de tratamento	<i>Seu</i> como 3 ^a pessoa (referência a pronome de tratamento)	<i>Dele</i> ^{3^a} Pessoa
Said Ali (1969)	✓	✓	Não menciona
Rocha Lima (1983)	✓	✓	Não menciona
Bechara (2002)	Não menciona	✓	✓

Fonte: o autor (2021)

Quadro 2: Os pronomes *ocê, seu e dele* em gramáticas descritivas⁴.

Gramáticas- Descritivas Funcionalistas	<i>Você</i> como pronome de tratamento	<i>Seu</i> 3 ^a como pessoa (referência a pronome de tratamento)	<i>Dele</i> 3 ^a Pessoa
Neves (2000)	✓	✓	✓
Castilho (2010)	✓	✓	✓

Fonte: o autor (2021)

Das cinco gramáticas analisadas, apenas duas de cunho normativo-prescritivo apresentam a forma **você** como pronome de tratamento. O possessivo **seu** é apresentado como em referência a terceira pessoa e apenas Bechara (2002) menciona o possessivo *dele* em referência a terceira pessoa. Tais gramáticas apresentam o quadro canônico para os pessoais e possessivos e definem os possessivos como aqueles que encerram ideia de posse em relação às três pessoas do discurso.

Por outro lado, nas gramáticas de cunho mais descritivo-funcionalista, os possessivos são classificados como referentes e caracterizados por estabelecerem uma relação bipessoal. A forma **você** é considerada como pronome pessoal, o possessivo **seu** como de segunda pessoa ao lado de **teu** e o possessivo *dele* como em referência a terceira pessoa. Nota-se que,

³ As gramáticas normativas prescritivas, em sua essência, postulam as regras gramaticais, ou seja, ditam como devemos utilizar a língua portuguesa.

⁴ As gramáticas descritivas funcionalistas possuem como objetivo descrever como a língua é produzida por seus falantes em atos reais de fala.

nessas gramáticas, é considerado o processo de inserção, migração e gramaticalização de tais formas.

Para Castilho (2010), a migração das formas de 3ª pessoa para a 2ª foi resultado do enfraquecimento de **teu** e *vosso*, que deixou uma casa vazia na 2ª pessoa do quadro pronominal. Esse fato já teria sido observado por Perini (1985 *apud* ARDUIM, 2005). Este autor apresenta uma discussão sobre o sistema pronominal do português coloquial nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Goiás, São Paulo, e outras áreas das regiões Norte e Sul do país.

Ao estudar os pronomes pessoais e possessivos, o autor observou que *tu* e *vós* eram omitidos no paradigma dos pronomes pessoais na região central do Brasil. No quadro abaixo, Perini (1985) apresenta a correlação entre os pronomes pessoais em (1), os possessivos descritos no português padrão em (2)⁵ e os possessivos da região central do país em (3):

Quadro 3: O sistema pronominal em diferentes regiões do Brasil

Pessoas Gramaticais	(1) Pronomes Pessoais do Português coloquial ou do padrão.	(2) Pronomes possessivos associados aos pronomes pessoais referentes ao português padrão.	(3) Sistema de possessivos para o português coloquial da região central do país.
Singular 1ª pessoa	Eu	Meu	Meu
2ª pessoa	Você	Seu	Seu
3ª pessoa	ele/ela	Seu	Dele
Plural 1ª pessoa	Nós	Nosso	Nosso
2ª pessoa	Vocês	Seu	de vocês
3ª pessoa	eles/elas	Seu	Deles

Fonte: Perini (1985)

O deslocamento do possessivo **seu** para a 2ª pessoa do singular criou uma ambiguidade, sendo ele ora de 2ª pessoa ora de 3ª. Para solucionar esse problema, foi criada a construção genitiva de + ele = dele para a terceira pessoa. A partir da análise do quadro proposto por Perini (1985), notamos que o seu estudo apresenta uma situação de estabilidade para o quadro pronominal na região central do Brasil.

De acordo com o autor, nesse quadro, o **você** suplantou o **tu** e o *vocês* suplantou o *vós*. O possessivo **seu** passou a ser utilizado unicamente na segunda pessoa (2P), e o genitivo *dele* na terceira pessoa (3P). A construção genitiva *de vocês* é utilizada na 2P do plural e *deles* na

⁵Vale ressaltar que o autor considera o português padrão como a variedade formal, geralmente, escrita da língua que é muito uniforme em todo o território.

3P⁶ do plural. Embora esse seja o possível resultado para o quadro pronominal, em várias regiões do Brasil ainda se encontram contextos de variação em que a mudança ainda não foi consolidada.

Com base nesses dados, podemos observar que as gramáticas brasileiras de cunho normativo-prescritivo apresentam um ideal, uma proposta que não se consolida no uso real da língua portuguesa. Não nos é apresentado à forma de possessivo *de vocês* ao invés de *vosso* como também, *dele/dela* em confluência com **seu/sua**.

Outro ponto, em que a distribuição dos possessivos nas gramáticas tradicionais diverge do uso coloquial da língua portuguesa, é o fato de não apresentar a variação ocorrente no âmbito da segunda pessoa do singular. Nessas gramáticas, é feita a distinção do possessivo **teu** como referente à segunda pessoa e **seu** como referente unicamente a terceira pessoa do singular e do plural.

De acordo com estudos de Perini (1985) e Soares (1999), no português brasileiro contemporâneo, o quadro dos pronomes pessoais e possessivos apresenta-se da seguinte forma:

Quadro 4: Os pronomes possessivos no português brasileiro⁷

Pessoa/Número	Pronomes Pessoais	Pronomes possessivos
1ª Singular	Eu	Meu, Minha, Meus, Minhas
1ª Plural	Nós	Nosso, Nossa, Nossos, Nossas
2ª Singular	Tu/Você	Teu/Seu, Tua/Sua, Teus/Suas, Tuas/Tuas, de você ⁸ , do senhor
2ª Plural	Vocês	Seu, Sua, Seus, Suas, de vocês
3ª Singular	Ele/Ela	Seu/Dele, Sua/Dela
3ª Plural	Eles/Elas	Seus/ Deles, Suas/Delas

Fonte: adaptado de Soares (1999).

No quadro acima, colocamos o pronome **você** ao lado de **tu** por ele ainda ser produtivo em algumas regiões do Brasil, como exemplo, o Nordeste. Diferente da estabilidade apresentada por Perini (1985), Soares (1999) identificou que os possessivos ainda apresentam contextos de variação entre o uso coloquial e as formas tradicionais da gramática normativa.

⁶ As formas 1P, 2P e 3P correspondem as três pessoas do discurso.

⁷ Com base no estudo de Soares (1999).

⁸ Sabe-se que o emprego da forma possessiva *de você* não é tão frequente, chegando a um percentual de 2% (Guedes, 2014).

A partir da análise do quadro, podemos observar que, no paradigma de segunda pessoa do singular, há a variação dos pronomes pessoais **tu/você**; para indicar posse tem-se as formas **teu, seu, de você** e *do senhor*. Para a terceira pessoa do singular e do plural, tem-se os possessivos **seu/dele**; para a segunda pessoa do plural, tem-se o *vocês*, que suplantou o *vós*, o possessivo **seu** e a construção genitiva *de você* para indicar posse.

Na próxima seção, apresentamos um levantamento bibliográfico dos estudos já realizados acerca da variação os possessivos **teu** e **seu**.

1.3 Sobre a variação do subsistema pronominal de posse

De acordo com Oliveira e Silva (1982), após a inserção do **você** no quadro pronominal, o pronome possessivo **seu**, que formalmente se referia a terceira pessoa do singular e terceira do plural, passa a ser encontrado em contextos de segunda pessoa. Com essa mudança, ocorre uma instabilidade quanto ao uso do possessivo **seu** que ora se refere à terceira pessoa do singular, estando em confluência com *dele*, ora se refere à segunda pessoa do singular, estando em variação com a forma possessiva **teu**.

Dessa forma, o possessivo **seu** torna-se objeto de estudo para diversas pesquisas de orientação sociolinguística. Sendo assim, apresentaremos o levantamento dos resultados de algumas dessas pesquisas. Apresentamos aqui os estudos de Menon (1996), Soares (1999) e Mendes (2008) como uns dos primeiros estudos que se debruçaram sobre o estudo da indicação de posse para segunda e terceira pessoa do singular. No quadro, a seguir, sintetizamos os resultados desses estudos:

Quadro 5: Estudos que se ativeram a variação teu/seu e seu/dele

Estudo	Região/Corpus	Hipótese	Resultados
Menon (1996) ⁹	Sul/VARSUL ¹⁰	A escolha pelas formas variantes é motivada pelos aspectos de familiaridade, respeito e formalidade presentes na relação interindividual.	Embora haja a preferência pela forma você em referência a segunda pessoa do singular, os falantes utilizam as duas formas variantes teu e seu .
	Sul/VARSUL	A idade, a escolaridade e	No paradigma de segunda pessoa, o

⁹ Embora esse estudo atenha apenas a indicação de posse para a segunda pessoa do singular, enquadrámos ele junto aos que estudam os paradigmas de segunda e terceira por ele, assim como os outros, não apresentar dados quantitativos e por ser um estudo não muito recente.

¹⁰ Banco de dados linguística do projeto de Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil.

Soares (1999)		o valor semântico do possessivo são variáveis condicionantes da variação.	possessivo seu é mais utilizado por falantes adultos com nível de escolaridade referente ao primário, sendo favorecido em referência às partes do corpo, e o possessivo teu sendo mais utilizado por falantes jovens com nível de escolaridade referente ao segundo grau, sendo favorecido em referência a características psicológicas ou físicas.
Mendes (2008)	Sul/VARSUL	A variação estilística seria a motivação da migração do possessivo Seu para a segunda pessoa do singular.	Nas relações simétricas, o possessivo teu é o mais utilizado, por outro lado, o possessivo seu é o mais ocorrente nas relações assimétricas, principalmente, nas assimétricas ascendentes em que o possessivo seu faz referência a você ou ao senhor/senhora.

Fonte: o autor (2021)

Aqui apresentarmos os estudos mais antigos que se ativeram aos paradigmas de posse de segunda e terceira pessoa do singular. A seguir, apresentaremos de forma mais detalhada dois estudos relativamente recentes que se dedicaram unicamente ao paradigma de segunda pessoa, a variação **teu/seu**.

O primeiro apresentado é o estudo de Arduim (2005), intitulado *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. No referido trabalho, a autora analisou dados de fala pertencentes ao banco de dados VARSUL coletados nas cidades de Blumenau, Chapecó, Florianópolis, Flores da Cunha, Lages, Panambi, Porto Alegre e São Borja resultando em 192 entrevistas.

Nesse estudo, Arduim (2005) utiliza o aporte teórico da sociolinguística variacionista, juntamente com a teoria de Poder e Solidariedade de Brown e Gilman (2003). Como resultado quantitativo, foram encontradas 415 ocorrências que dos possessivos que se distribuem em 356 ocorrências do possessivo **teu** e apenas 69 de do possessivo **seu**. Os dados apontam que a escolha do possessivo **teu** ou **seu** está diretamente ligada ao emprego dos pronomes pessoais **tu** e **você**, acreditando-se na correspondência entre **tu-teu**, **você-seu**.

Relacionando os resultados à estratificação dos dados, atribuiu-se às variáveis escolaridade e gênero maior condicionamento no uso das variáveis. Dessa forma, o possessivo **teu** é mais ocorrente que **seu**, sendo utilizado principalmente por mulheres e falantes com

escolaridade de nível ginásial. Arduim (2005) ressalta ainda que o possessivo **teu** aparenta possuir prestígio nessa região, no entanto, sua forma variante não sofre estigma.

Os resultados obtidos no estudo de Arduim (2005), relacionados aos estudos de Brown e Gilman (2003), indicam que os aspectos de poder e solidariedade também interferem no emprego dos possessivos. O possessivo **teu** continua como mais ocorrente sendo mais frequente em relações simétricas ou assimétricas descendentes e o possessivo **seu** mais frequente em relações ascendentes, de inferior para superior. Segundo a autora, os informantes mais jovens utilizam com maior frequência o possessivo **teu**, que é a forma mais solidária.

Um dos estudos mais recentes que se ativeram ao fenômeno analisado é o de Pereira (2016) intitulado “*Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*”. Propõe-se em seu estudo uma pesquisa sobre a inserção do pronome possessivo **seu** como um pronome de segunda pessoa do singular. Para isso, a autora utilizou um *corpus* de 363 cartas pessoais pertencentes a famílias de pessoas ilustres e não-ilustres, do Rio de Janeiro, datadas dos anos de 1870 a 1970.

O estudo de Pereira (2016) possui duas hipóteses norteadoras: a primeira, é a de que a variação encontrada nos possessivos se comporta de maneira similar aos resultados encontrados no que concerne à posição de sujeito de segunda pessoa, seja pleno ou nulo. Dessa forma, acredita-se que o possessivo **seu** como de segunda pessoa acompanha a entrada da forma *você* no quadro pronominal. Na segunda hipótese, acredita-se que o possessivo **seu**, por estar relacionado à forma **você**, teria o mesmo comportamento polifuncional do pronome pessoal correspondente, o que supõe que a forma **seu** assumiria diferentes valores ao longo do tempo.

Em seu *corpus*, foram identificadas 1376 ocorrências de pronomes possessivos, subdividindo-se em 1041 dados de **teu** (76%) e apenas 335 dados de **seu** (24%), o que indica o predomínio da forma **teu** em relação a **seu**. Para comprovar a primeira hipótese, a autora apresenta dois exemplos:

(01) “Muito penhorado agradeço os amáveis | felicitações pelo meu aniversário natalício, en- | viados na **sua** carta de 22, aqui chegada | no dia próprio. (...) **Seu** pai saberá | fazer o regimem que lhe conserve a saude, | necessaria aos seus. Desejo que todos [inint] com amizade | Washington Luis”. (Fundo Washington Luis, carta escrita em Nova Iorque, em 26/10/1946)

(02) “Affonsinho | Recebi hoje **teu** cartão | pedindo a **tua** correspondência | só tem um cartão de Dona Maria | Amaliafelicitando

te pelo **teu** bonito exame (...) Queres os jornais? | Deves levar o Alexandre no | dia 28 sem falta para ele come- | çar os estudos no dia 1o de | Março; não fique esperando | não adie nem um dia.” (Família Penna, sem localização, em 20/02/1899)

A partir dos exemplos (01) e (02), Pereira (2016) percebeu que só é possível explicar a variação entre as formas possessivas pelo tratamento na posição de sujeito, e não pelo local em que a carta foi escrita. No exemplo (01), o sujeito não está explícito na carta, o que acaba influenciando o missivista a empregar outras formas pronominais que não referenciem um sujeito específico.

Por esse motivo, o missivista utiliza-se do possessivo **seu** que, por estar relacionado a um paradigma de terceira pessoa, é uma forma menos direta de tratar o interlocutor. Em contrapartida, no exemplo (02) em que o sujeito está explícito, a missivista utiliza o possessivo **teu** empregando também formas verbais relacionadas à segunda pessoa (*queres, leves*).

Tratando-se de sua segunda hipótese, a autora diz que não se pode afirmar que o possessivo **seu** migrou simultaneamente com o **você** para a segunda pessoa do português brasileiro. Todavia, a autora, diz que a inserção do pronome **você** funciona como um ponto de partida para diferentes mudanças pronominais que ocorrem no sistema. Embora não possa ser afirmado categoricamente que o pronome **seu** acompanhe a entrada do pronome **você** no sistema pronominal, sabe-se que tal pronome só passa a ser referido à segunda pessoa a partir do momento em que **você** entra nesse sistema como variante de **tu**.

Os resultados dos trabalhos supracitados, sendo a maioria realizados na região sul do Brasil, apontam para o pronome **teu** como mais ocorrente. Esse possessivo é favorecido em relações simétricas de maior intimidade entre os interlocutores. O possessivo **seu**, por sua vez, ao aparentar um caráter neutro, é mais ocorrente em situações assimétricas ascendentes ou quando o falante não possui certeza quanto ao como se referir ao seu interlocutor.

Apresentado o levantamento bibliográfico sobre como o fenômeno ocorre em alguns estudos feitos no Brasil, no próximo capítulo, apresentamos, brevemente, as teorias que embasam a nossa pesquisa.

CAPÍTULO II

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, fazemos uma apresentação das teorias que embasam a nossa pesquisa. Inicialmente, descrevemos o aporte teórico da Sociolinguística Variacionista pelo fato de utilizarmos de sua metodologia. Em seguida, apresentamos a Sociolinguística Histórica, que se utiliza de alguns procedimentos da Sociolinguística Variacionista, mas trata de especificidades por trabalhar com materiais datados do passado.

Na sequência, apresentamos as teorias do Poder, Solidariedade e Polidez para auxiliar na compreensão do tipo de relação estabelecida entre os missivistas e como essa relação pode condicionar o uso das variantes. E, por último, apresentamos os conceitos de Tradição Discursiva por acreditarmos que a existência de formas cristalizadas possa favorecer o uso de uma das variantes.

2.1 A Sociolinguística Variacionista

A visão de língua antes dos estudos sociolinguísticos consistia em um sistema homogêneo adotado por um falante ideal. Com o advento da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), a língua é reconhecida por um sistema heterogêneo, constituída por uma variação sistematizada, ou seja, com formas alternativas de dizer a mesma coisa com o mesmo significado (LABOV, 2008 [1972]).

Além disso, a Sociolinguística Variacionista rompe a dicotomia saussuriana *diacronia/sincronia* colocando-as em conjunção, permitindo, assim, “que o enfoque não seja o de mudanças abruptas ou etapas estáticas” (COAN & FREITAG, 2010, p. 117). A mudança, então, não é dada subitamente, pois anterior à mudança está o processo de variação em que duas variantes se põem em contraste até que uma se sobressaia à outra, o que não implica na extinção de uma ou de outra variante.

A concepção de língua como um sistema heterogêneo corroborou para a inserção da mudança linguística a esse modelo teórico, resultando na criação do artifício metodológico do “tempo aparente”. De acordo com esse artifício, ao realizarmos estudos sobre a variação de falantes de faixas etárias diferentes, conviventes numa mesma comunidade de fala, em um mesmo tempo e lugar, estamos realizando uma demonstração da mudança numa diacronia sincrônica.

Uma determinada variação linguística observada em um momento atual pode ser explicada por meio de um recorte histórico, no qual elementos linguísticos indiquem a manifestação dessa variação. Nesse sentido, segundo Coan e Freitag (2010), a teoria do tempo aparente é muito eficaz na explicação desse fenômeno.

Uma vez que as comunidades de fala compartilham normas sociais e linguísticas, essa variação caracteriza a identidade de diversas comunidades, determinadas a partir de vários contextos sociais nos quais o falante pode estar inserido. Portanto, dentro dessa perspectiva, ao se propor a observar o uso da língua, faz-se necessário levar em consideração as características sociais e identitárias dos falantes da comunidade em estudo que podem condicionar a variação.

Diante do exposto, tomemos uso dos termos utilizados por essa teoria. Segundo Mollica (2007, p. 10), a variação pressupõe que formas linguísticas variantes estejam coexistindo dinamicamente. Variantes, segundo Tarallo (1986, p. 08), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*”, a variável dependente. Ainda segundo o autor, dentro do processo de variação, há os fatores condicionadores linguísticos e sociais/variáveis independentes que podem condicionar a variação favorecendo uma ou outra variante.

Diante do exposto, sabendo que a mudança não ocorre de maneira repentina, ao estudarmos o **teu** e o **seu** como formas de indicação de posse para a segunda pessoa do singular, estamos lidando, naturalmente, com um processo de variação. Nesse processo, as duas formas cumprem com eficiência a sua função, a indicação de posse para a segunda pessoa do singular, nossa variável dependente. Ao confirmarmos a existência da variação entre **teu** e **seu** no *corpus*, propusemo-nos a averiguar a existência de condicionadores linguísticos e sociais/variáveis independentes que possam agir nesse processo.

Mediante isso, embora não utilizemos o programa Gold Varb-X, programa utilizado pela sociolinguística na rodagem estatística de dados, consideramos fundamental utilizar a Sociolinguística Variacionista como aporte teórico-metodológico. Ela se faz necessária uma vez que a escolha do tratamento pelos escreventes pode estar condicionada aos valores que cada forma assume na interlocução.

Ao acreditarmos que o contexto em que o pronome possessivo se realiza pode influenciar nas escolhas linguísticas realizadas pelo próprio falante, assumimos que fatores linguísticos possuem forte atuação na variação **teu/seu**. Dessa forma, no decorrer da pesquisa, utilizaremos métodos e termos que são decorrentes dessa teoria.

Colocadas algumas questões a respeito da Sociolinguística Variacionista, discorreremos, a seguir, acerca da Sociolinguística Histórica ou Socio-Histórica.

2.2 A Sociolinguística Histórica

Os postulados da teoria da variação deram margem a diversas proposições complementares para o estudo e interpretação dos dados do passado, (ROMAINE, 1999; CONDE SILVESTRE, 2007). Nesse sentido, a Sociolinguística Histórica vale-se de alguns princípios da Sociolinguística Variacionista no processo de estudo e interpretação dos dados históricos. No entanto, no viés histórico, não se pode utilizar todos os princípios da Sociolinguística Variacionista.

Tal limitação deve-se ao fato de as informações sobre as fontes disponíveis ao investigador serem fragmentárias, escassas e dificilmente vinculáveis com a produção real de seus falantes (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35). Para Gomes e Lopes (2016, p. 140), “os dados são procedentes de textos escritos que sobreviveram na atualidade ‘por sorte’”. Isso quer dizer que o controle de condicionadores sociais como faixa etária, escolaridade, gênero e categoria social pode ser lacunar, pois os informantes não estão mais à disposição do investigador como ocorre nos estudos sincrônicos. Nesse caso, já o fato de os textos terem sobrevivido às intempéries do tempo já é um ato de muita sorte para o pesquisador em Sociolinguística Histórica.

Por esse motivo, Lopes (2018, p. 40) afirma que são diversos os estudos em Sociolinguística Histórica em que a análise é realizada a partir das frequências brutas dos fatores linguísticos e sociais controlados, pois nem todas as “células” podem ser preenchidas. Devido a essa problemática, segundo Conde Silvestre (2007), pode-se dizer que nenhum trabalho está concluído, uma vez que a descoberta de novos materiais sempre poderá elucidar as lacunas observadas nos estudos parciais realizados com os dados até então disponíveis.

Com base na leitura de Conde Silvestre (2007), Souza (2014) elenca algumas dificuldades e questionamentos que são comuns ao pesquisador em Sociolinguística Histórica. O primeiro deles seria “até que ponto o material histórico pode refletir a língua da época que se analisa?” Com esse questionamento, autora se refere ao *caráter pouco autêntico dos dados*, já que os documentos escritos são desprovidos muitas vezes do contexto e da situação de produção. Outro problema está relacionado ao *caráter fragmentário*, dado que os textos são simples restos de *corpora* mais amplos. Dessa maneira, esses materiais são limitados, porque não trazem todos os estilos, registros ou variedades do passado.

Mais um problema é *a falta de representatividade*, já que os dados são muitas vezes desiguais, o investigador dispõe de poucos dados e, por esse motivo, não há como ter um controle sobre o *corpus*. Essa limitação faz com que o pesquisador faça generalizações amplas em seu estudo, utilizando-se de uma análise qualitativa (MONTGOMERY, 1995 *apud* ROSA, 2015).

Além desses, há *o problema da validade histórica e social*, dado que as visões de mundo, a caracterização e a valoração que fazemos de nossa realidade é diferente das que ocorriam no passado. A *autoria* é mais um problema, que ocorre principalmente em cartas, visto que o texto pode ter sido ditado para um copista. Dessa maneira, o material pode sofrer influência linguística do redator.

O *Princípio do Uniformitarismo*, formulado pela geologia no século XIX e transposto para a Linguística Histórica, postula que as forças que trabalham na produção de mudança linguística no presente são as mesmas que atuaram no passado. Essa é a pré-condição para que o linguista histórico possa realizar suas investigações (WHITNEY, 1867; LABOV, 1994; JOSEPH; JANDA, 2003 *apud* ROSA, 2015).

A relevância desse princípio é inquestionável, no entanto, é preciso que ele seja utilizado de forma moderada para que não caiamos em um anacronismo. Isto é, se admitirmos que os padrões de hoje eram os mesmos do passado, podemos caracterizar um missivista inadequadamente, com traços que não pertenciam a época de produção das cartas (SOUZA, 2014).

Quanto ao procedimento metodológico, Rosa (2015, p. 9) afirma que a Sociolinguística Histórica adota técnicas semelhantes à Sociolinguística Sincrônica, a saber:

- i. Delimitação da variável dependente;
- ii. Delimitação das variáveis extralinguísticas;
- iii. Coleta de dados;
- iv. Transcrição e codificação dos dados;
- v. Quantificação dos dados por meio de um programa de regra variável.

Vale ainda ressaltar que embora a Sociolinguística Histórica utilize de metodologias semelhantes às da Sociolinguística Variacionista, os problemas encontrados na Histórica são restritos apenas a ela. A abordagem da sociolinguística histórica nesse trabalho se justifica

pela natureza do nosso *corpus*. Como fonte dos dados linguísticos, esse estudo se vale de cartas escritas por três casais entre as décadas de 1950, 1970 e 1990. Diante disso, acreditamos que essa teoria nos auxiliará a fazer o melhor uso dos dados no processo de compreensão e análise.

Finalizada a abordagem sobre os modelos teórico-metodológicos sociolinguísticos, na próxima seção, apresentamos uma abordagem sobre a teoria que busca classificar a natureza da relação estabelecida entre os missivistas.

2.3 A Teoria do Poder, Solidariedade e Polidez

Ao trabalharmos com um *corpus* constituído por cartas de amor, revisitamos as teorias que tratam sobre os tipos de relações sociais estabelecidas entre os falantes. Busca-se com o controle do tipo de relação social estabelecida entre remetente e destinatário identificar o grau de motivação e a intencionalidade comunicativa presente na forma de tratamento que os missivistas utilizam. Em virtude disso, foram revisitadas as Teorias da Polidez, idealizada por Brown e Levinson (1987), em que as estratégias de polidez utilizadas na interação são levadas em conta.

Tais estratégias funcionam como formas modalizantes dos atos de fala que por si só são considerados ameaçadores à face do interlocutor, pois a partir do que for dito o falante pode ser mal interpretado. Para Brown e Levinson (1987), a face positiva (face) seria o ato polido e face negativa (território) seria um ato menos polido. No entanto, a ideia central é a de que a interação é o lugar dos conflitos e as estratégias de polidez são recursos para evitá-lo. Assim, é preciso lidar com a preservação pessoal e o modo como se é visto socialmente.

A teoria do Poder e solidariedade, proposta por Brown e Gilman (1960), é muito utilizada nos estudos em Sociolinguística Histórica por permitir o controle do tipo de relação que se estabelece entre os interlocutores. Para elucidar essa oposição entre poder e solidariedade, Briz (2014 *apud* LOPES, 2018) considera que a solidariedade se refere a relações de proximidade e simetria entre os interlocutores que se negociam e se constroem na interação, independentemente do estatuto social.

Nesse sentido, as relações mais simétricas são aquelas que existem igualdade funcional entre os participantes da interação tais como idade, gênero ou profissão. As relações simétricas também são compreendidas quando há a presença de fatores sociopragmáticos que denotam proximidade, compartilhamento de saberes e experiências, contato físico e compromisso afetivo.

As relações assimétricas são marcadas pelo poder como relações verticais, diferenciáveis ou não recíprocas (diferentes faixas etárias, gêneros ou posições hierárquicas institucionais). O papel funcional, os direitos e as obrigações se apresentam de algum modo determinados e mais estritamente submetidos a convenções sociais.

Mediante o exposto, de acordo com a Teoria do Poder e Solidariedade, são estabelecidos os seguintes tipos básicos de relações com ênfase nas relações de parentesco e entre amigos:

- A) Relações assimétricas descendentes (de superior para inferior): pai-filho, mãe-filho etc.
- B) Relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior): filho-pai, filho-mãe etc.
- C) Relações simétricas (solidárias): entre amigos, entre casais etc.

Diante dos postulados da teoria de Poder e Solidariedade de Brown e Gilman (1960), podemos considerar o tipo de relação estabelecida entre os missivistas das cartas, que compõem o nosso *Corpus*, como uma relação *simétrica*, já que formam três casais. No entanto, o *corpus* apresenta a variável gênero como condicionadora da variação, o que pode se tratar de uma questão de poder e solidariedade. Além disso, a uso de formas de terceira pessoa pode se configurar como uma estratégia de Polidez.

Após essa classificação dos possíveis tipos de relações estabelecidas entre os missivistas, faz-se necessário analisar se, nos atos de fala, há formas mais fixas que possam condicionar o uso de uma ou de outra forma variante. Para tanto, realizamos uma breve visita a teoria da Tradição Discursiva.

2.4 As Tradições Discursivas

Com o surgimento da Linguística do texto e da Pragmática surgem os estudos das Tradições Discursivas, doravante TD. Segundo Kabatek (2006), o conceito dessa teoria tem origem na linguística alemã, sendo influenciado principalmente pelos estudos de Eugênio Coseriu sobre a linguística do texto. Sobre a atividade linguística, Coseriu (1997) distingue três níveis: nível universal do falar em geral; nível histórico das línguas e o nível dos textos ou discursos concretos.

Nesse sentido, o conceito de TD surge com base nesses três níveis da atividade linguística, considerando a língua e sua significação em seu uso real historicamente. De acordo com Kabatek (2006, p. 157), na virada do século XIX ao XX, na perspectiva das TDs, verificou-se que as escolhas do sistema de tratamento são motivadas também pela natureza e pela historicidade do texto, neste caso, pela natureza das cartas pessoais.

Segundo a autora, é a partir de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira peculiar de escrever ou de falar que se adquire valor de signo próprio, torna-se significável, assim, se torna uma TD. Ainda conceituado a TD, a autora diz:

[...] é a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados (KABATEK, 2006, p.157).

Segundo Lopes (2018), utilizar a TD em estudos que se valem de processos analíticos dos usos linguísticos é fundamental para a compreensão dos dados. A TD contribui com a distinção entre as ocorrências que retratam a norma vigente no período estudado e as formas fixas, convencionalizadas em determinado gênero particular.

Nesse sentido, como a natureza do nosso *corpus* é constituída por documentações datadas de décadas passadas, utilizaremos a TD para distinguirmos os dados que representam a norma linguística do período estudado e as formas fixas do gênero em análise, a carta pessoal. Essa abordagem é necessária por considerarmos que a estrutura composicional da carta pessoal possui partes fixas que por si constituem uma TD. Além disso, essas partes fixas junto a ocorrências linguísticas que retratam a norma vigente podem formar outras Tradições Discursivas.

Por utilizar desses conceitos, a discussão dos resultados transita da análise quantitativa à análise qualitativa com base nos fatores pragmáticos e nos papéis sociais dos interlocutores que condicionam a opção por certas formas de tratamento e suas variantes. Posta essa discussão, no próximo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos tomados na realização da pesquisa.

CAPÍTULO III

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A DESCRIÇÃO DO *CORPUS* E A ESCOLHA DOS FATORES DE ANÁLISE.

Neste capítulo, apresentamos os aspectos metodológicos adotados em nosso estudo. De início, apresentamos a natureza de nosso *corpus*. Em seguida, discorremos acerca do local de produção das cartas - que é o mesmo de origem dos missivistas - bem como trazemos informações relevantes sobre os interlocutores. Posteriormente, retomamos alguns problemas levantados por Souza (2014) no que se refere ao material histórico e, por fim, delimitamos a variável dependente e os fatores de análise.

3.1 A carta de amor como objeto de estudo para Sociolinguística Histórica

Diferentemente da Sociolinguística Variacionista, que elege o material oral como fonte de pesquisa, os estudos históricos dependem do material escrito. Os textos escritos são fonte primordial para os pesquisadores em sociolinguística histórica, já que os dados, por diversos fatores, na maioria das vezes, se conservaram nessa modalidade.

De acordo com Bakhtin (1997), como gênero discursivo bastante conhecido no mundo ocidental, a carta configura-se como uma circunstância espontânea de comunicação verbal. A carta é uma enunciação sem presença do interlocutor *in loco* que, entretanto, é pressuposto. Segundo Marcuschi (2001, p. 38), as cartas pessoais constituem um gênero que, pela linguagem utilizada e pela natureza da relação estabelecida entre os missivistas, aproxima-se da oralidade, permitindo assim que muitos aspectos comuns à fala espontânea sejam verificados.

De acordo com Maingueneau (2006 *apud* LOPES, 2018, p.36), a carta perpassa diferentes domínios discursivos, pelo fato de estar presente no domínio pessoal (cartas de família, de amor, de amigo), no domínio jornalístico (carta do leitor, carta do redator) e no domínio comercial (carta de referência, de cobrança). Ainda segundo o autor, a carta pessoal constitui-se de uma organização textual recorrente, que pode se configurar em diferentes sequências textuais, ligadas por elementos comuns, o que nos permite tratá-la como um *hipergênero*.

Para Lopes (2018), essas variedades de domínios discursivos, de natureza e de finalidade acarreta a adoção de diferentes rótulos, entre os quais: carta comercial, carta

administrativa, carta do redator e carta pessoal. O emprego do vocativo, por exemplo, já dá pistas do subgênero ao qual a carta corresponde: do leitor, aberta, comercial, pessoal etc.

A carta pessoal possui uma linguagem mais coloquial e é veiculada entre missivistas que, geralmente, possuem uma relação de parentesco, amizade ou entre cônjuges. Segundo Lopes (2018), a carta pessoal tem servido de base a inúmeras pesquisas diacrônicas em virtude dessas características. A estrutura da carta pessoal permite informalidade, diversidade temática, à recorrência dos seus elementos constitutivos, o caráter diverso dos interlocutores e a variedade dos propósitos comunicativos.

Nesse sentido, a carta pode ocupar, de acordo com essas características e com outras, diferentes espaços no contínuo da proximidade à distância comunicativa. Trata-se, por isso, de um gênero bastante recorrente nos estudos sobre os pronomes de tratamento. Ainda segundo Lopes (2018), em termos da estrutura textual, o gênero epistolar, no geral, apresenta uma macroestrutura constituída pelas seguintes partes:

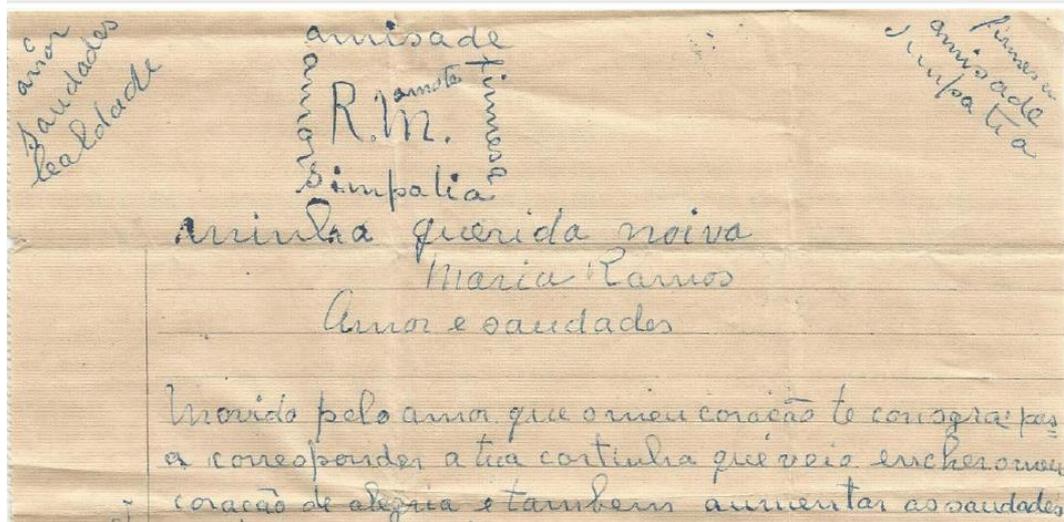
- I. a seção de contato inicial (em que costuma figurar a saudação e captação da benevolência),
- II. o núcleo da carta (o corpo do texto, a razão pela qual a carta está sendo escrita, predominando um pedido de algo concreto, notícias ou uma ordem a ser cumprida etc.)
- III. e a seção de despedida.

Lopes (2018) considera a carta pessoal como um hiperônimo que abrange os subgêneros: carta familiar, de amor e de amigos. Os seus subgêneros estão unidos por elementos comuns, como os demais textos dessa tradição discursiva. Sendo assim, há um padrão composicional reconhecido que ancora o texto: o local, a data, o vocativo, a captação de benevolência, o corpo do texto, a despedida e a assinatura.

Entretanto, essas cartas guardam alguns traços de autonomia fortemente relacionados ao tipo de relação estabelecido entre o emissor e o destinatário. Essa particularidade acarreta maior ou menor grau de cumplicidade, de afetividade, de expressividade, com implicação direta na escolha do tratamento a ser empregado.

Para ilustrar a discussão sobre a carta pessoal e a sua contribuição para as pesquisas de investigação da língua, apresentamos aqui um exemplo do início de uma carta de amor:

Figura 1: A abertura da carta de amor C1_M_1958_15



Fonte: LeDoc

Na figura acima, podemos identificar algumas das características da carta pessoal, mais especificamente, da carta de amor. Na abertura da carta, o missivista apresenta na saudação inicial, o vocativo “minha querida noiva M. R.” seguido das palavras “amor e saudades” o que já nos diz o tipo de carta e o tipo de escrita que encontraremos nesse texto. Também é possível identificar escritas na extremidade superior formando uma figura com as letras R e N ao centro.

O uso dessas letras pode se tratar das iniciais dos nomes dos missivistas (ATAÍDE, 2020). Além disso, encontramos já na segunda linha da abertura da carta (captação da benevolência), uma ocorrência do possessivo *teu*, o que evidencia a riqueza de dados que a carta pessoal oferece para os estudos linguísticos. Com base nisso, justificamos o uso do subgênero carta de amor como *corpus* de nossa pesquisa.

Posta essa discussão, na próxima seção, apresentamos o *corpus* utilizado nessa pesquisa.

3.2 O *corpus*

O *corpus* utilizado para essa pesquisa é constituído por 153 cartas, do subgênero carta de amor, datadas da segunda metade do século XX (1956 a 1994). As cartas foram escritas por pessoas não ilustres oriundas do interior do estado de Pernambuco. As cartas foram recolhidas no arquivo privado da família Ramos, localizado na cidade de Triunfo onde os missivistas residiram/residem. Por se tratar de cartas de amor, os missivistas formam três casais. O quadro, a seguir, ilustra a organização do nosso *corpus*:

Quadro 6: Organização do *corpus*

Casais	Missivista masculino/número de cartas	Missivista feminina/número de cartas	Total de cartas	Período de escrita das cartas
Casal I	21	01	22	1956-1958
Casal II	55	61	116	1972-1977
Casal III	04	11	15	1993-1994

Fonte: O autor (2021)

Cabe ressaltar que o plano de trabalho de coleta do *corpus* foi executado por Lima (2018), no âmbito do projeto de pesquisa intitulado *Banco Informatizado de Textos (BIT): a construção de um corpus de manuscritos e impressos pernambucanos do século XIX, XX e XXI*, sob orientação do professor Cleber Ataíde¹¹. Na coleta do material foram seguidas as instruções metodológicas da Sociolinguística Histórica e da Sociolinguística Variacionista: 1 - Delimitação do material a ser analisado; 2 - Aplicação de questionário Sociolinguístico; 3 - Transcrição semidiplomática e codificação do *corpus*; 4 - Divulgação na plataforma digital.

Após o material ser fotografado, realizamos a codificação. No código da carta preocupamo-nos em identificar: o casal ao qual a carta pertence, representado pela letra C e o número que corresponde ao casal: (1) ao primeiro (2) para o segundo e (3) para o terceiro. Em seguida, identificamos o gênero do missivista, representado por (F) para feminino e (M) para masculino; logo após colocamos o ano em que a carta foi escrita ou a sigla SD, quando a carta não possui data; e por fim, o número da carta. Desta forma, a primeira carta pertencente ao casal 1, escrita no ano de 1956, pela missivista possui o código C1_F_1956_1.

A transcrição do material foi realizada pelos pesquisadores do LeDoc seguindo as normas de transcrição semidiplomáticas segundo recomendações do projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). As normas e as instruções estão disponíveis na plataforma do laboratório: www.ledoc.com.br. Adotados esses procedimentos, realizamos a transcrição das 153 cartas de amor. Também levamos em consideração as condições de produção e o contexto sócio histórico e cultural em que os textos foram escritos, como também a finalidade comunicativa, os temas abordados e a organização estrutural das cartas.

Após a realização das transcrições, a partir da leitura atenta das cartas, realizamos os seguintes passos metodológicos:

¹¹ O material encontra-se disponível na plataforma digital do Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc): <http://ledoc.com.br/sobre>

- i. Mapeamento das ocorrências do **tu** e **você** na posição de sujeito;
- ii. Classificação das cartas a partir da predominância das formas tratamentais;
- iii. Identificação das formas de indicação de posse **teu/seu**.
- iv. Elaboração de um quadro para controle do número de ocorrências de cada possessivo e a qual pronome pessoal ele fazia a referência;
- v. Análise da ordenação do possessivo em relação ao termo possuído;
- vi. Análise da semântica do termo possuído;
- vii. Análise da distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta;

A seguir, apresentamos um exemplo de como elaboramos o quadro geral para o controle das ocorrências:

Quadro 7: Ocorrências gerais do teu e seu em referência ao tu e você

Código da carta	Ocorrências	Posição de sujeito				Indicação de posse	
		Tu Preenchido	Tu Não preenchido	Você preenchido	Você não preenchido	teu	seu
C1_F_SD_1	tu não avalias ais saudades que vivo sofrendo por te nestes dias que não posso passar ao teu lado sentindo a doçura do teu amor	2x				2x	

Fonte: o autor: (2021)

No quadro acima, preocupamo-nos em colocar o código da carta e o trecho em que se encontra a ocorrência para assim controlarmos a posição de sujeito, e a quantidade de ocorrências de cada possessivo.

3.3 A localidade das cartas

O município de Triunfo, a primeira comunidade linguística explorada para coleta de material está localizada na mesorregião do alto sertão pernambucano. O município está situado na microrregião do Pajeú, com cerca de 1.010m de altitude, no planalto da Borborema, inserida na bacia hidrográfica do Rio Pajeú. A cidade possui uma área de aproximadamente 191.516 km², com seu ponto culminante registrando em 1.260m de altitude, conhecido como Pico do Papagaio. Encontra-se a 399,7 km da capital do estado de Pernambuco, Recife e de último censo do IBGE/2019 possui uma população estimada de 15.221 habitantes.

O município de Triunfo, conhecido em fins do século XVIII como Serra da Baixa Verde, era inicialmente habitada por índios Cararis e foi arrendada por Domingos Pereira Pita, em tempos de colonização. A partir de junho de 1824, outros habitantes foram chegando à cidade, atraídos pelas ótimas condições do solo, fontes perenes e vegetação sempre verde.

O nome atual de Triunfo originou-se em comemoração as várias batalhas travadas entre a poderosa Família Campo Velho, da cidade de Flores, e os habitantes que faziam o povoado da Baixa Verde crescer cada vez mais. Em junho de 1870, um abaixo-assinado solicitado à Assembleia Provincial e ao Diocesano pedia a transformação do povoado em freguesia e, posteriormente, elevação à categoria de Vila. Em junho de 1884 através da Lei Provincial nº 1.805, foi criada a comarca de Triunfo e, com isso, a Vila da Baixa Verde foi elevada à categoria de cidade (JÚLIO, 2018).

O primeiro acervo de textos encontrados pertence ao arquivo privado de uma família residente da zona rural deste município: a Família Ramos. Os gêneros textuais coletados estavam armazenados dentro de um baú e guardados por membros ainda vivos da família. O acervo de textos contém várias escrituras manuscritas datadas entre meados dos séculos XIX e XX; postais e recibos equivalentes a pagamentos de orações missas; cartas pessoais de diversos subgêneros; cadernos de anotações de dívidas; inventários; comprovantes de compra e venda de terras; jornais antigos, dentre outros ainda não catalogados. A seguir, apresentaremos, em resumo, as informações levantadas sobre os missivistas.

3.4 O perfil social dos missivistas

Por intermédio de um questionário sociolinguístico, proposto por Almeida (2014) e aplicado por Júlio (2018), extraímos algumas informações sociais sobre os escreventes através dos concessores dos materiais. As cartas analisadas narram diferentes fases da história de amor dos dois casais de nordestinos não-ilustres.

Sobre as cartas do casal dos anos 50, identificamos a **Missivista (M.R.)** que nasceu na comunidade rural do sítio Brejinho, no dia 8 de agosto do ano de 1940. Quando criança foi alfabetizada no nível escolar de primeiras letras. Contudo, para o contexto sociocultural da época e da região, as pessoas que detivessem esse grau de instrução eram consideradas privilegiadas dentre os demais. Quando adulta, a missivista ocupou-se com atividades de costura e redação de testamentos e inventários de terras. No mais, era praticante veemente do catolicismo e dedicava-se à vida de esposa, doméstica e mãe.

As cartas escritas por (M.R) endereçavam-se ao **Missivista Narrador (R.S.)**: o narrador nasceu na mesma comunidade que sua destinatária, no ano de 1935. Trabalhou como agricultor e tirador de trempe (funções designadas para quem trabalha em um dos processos de cozimento da rapadura) no engenho da família de sua amada. O missivista não possuiu nível de escolaridade, sendo assim suas cartas eram ditadas para um redator.¹²

O **Missivista Redator (T.Q.)**: viveu na cidade de Triunfo-Pe, onde ocupou o cargo de presidente do sindicato dos trabalhadores rurais do referido município. Também trabalhou como cozinheiro de rapadura, agricultor e professor, apenas de homens. O referente missivista não tinha formação de nível superior para exercer a profissão docente, embora fosse considerado um dos grandes sábios daquela região, já que era um dos poucos letrados em sua comunidade.¹³

Sobre o casal dos anos 70, a **Missivista (C.R.)** nasceu na zona rural do município de Triunfo, interior do estado de Pernambuco, em 25 de outubro de 1952. Teve formação superior em Ciências Biológicas, com complementação em Matemática, concluído no ano de 1997. Em sua infância, teve contato contínuo com jornais, livros e demais suportes e gêneros textuais de naturezas impressa e/ou manuscrita que circulavam nos diversos contextos daquela época, à vista disso a informante se declara autodidata no processo de alfabetização.

Em 1957, ingressou em uma escola pública regular, estabelecida em sua comunidade rural; frequentou a instituição até a 4ª série do ensino fundamental e, logo após esse período, cessou os estudos por cinco anos, retomando-os em 1969 no Colégio Stella Maris, onde formou-se no ensino médio em 1976. Segundo a missivista, o relacionamento afetivo com o destinatário de suas cartas teve início em 1º de janeiro de 1972 e se casaram em 1º de julho de 1978.

¹² Nesse caso, estamos considerando a “escrita” das epístolas do remetente R.S. como *escrita delegada*, uma vez que o conteúdo empregado no texto é de autoria do sujeito R.S., embora a materialização da língua na modalidade de texto escrito seja realizada por um terceiro interlocutor.

¹³ Durante a entrevista, o missivista redator (T.Q.) diz que transcreveu fielmente as cartas ditadas pelo missivista narrador (R.S.).

O Missivista (J.G): nasceu na cidade de Floresta, interior do estado de Pernambuco, em 25 de abril de 1954. Residiu até os 17 anos na fazenda Porção, zona rural da comuna. Lá, estudou da primeira à quarta série do ensino regular, depois iniciou um supletivo já no município de Triunfo (PE) para concluir o ciclo do fundamental 2.

Ao terminar essa etapa de sua escolarização, ingressou no Ensino Médio (antigo 2º grau) na mesma cidade supracitada. Em meados desse período, mudou-se para a comuna de Custódia (PE). Por lá, reiniciou seus estudos (Ensino Médio Supletivo) dando posterior continuidade na cidade de Arcoverde, agreste pernambucano. Já residindo neste município, ingressou na carreira militar e deu continuidade a seus estudos até o ano de 1977, quando foi transferido para Salgueiro e ficou impossibilitado de concluir o restante de sua escolarização.

No casal dos anos 90, o casal III, a **Missivista (M)** foi alfabetizada em uma escola da zona rural, no município de Triunfo-Pernambuco; deu subsequência os estudos formando-se em magistério, em 1993, na zona urbana do município de Santa Cruz da Baixa Verde-PE. O **Missivista (S. L)** nasceu e frequentou a escola em zona rural e urbana, no município de Triunfo-Pernambuco, e concluiu o que se conhece hoje por Ensino Médio (2º graus).

3.5 Algumas dificuldades encontradas no *corpus*

Revisitando algumas das dificuldades apontadas na discussão sobre a Linguística histórica, apresentaremos as dificuldades que permeiam o nosso *corpus*. O fato de alguns dos missivistas ainda viverem em Triunfo fez com que o nosso estudo não enfrentasse problemas voltados a *validade histórica e social e da pouca autenticidade dos dados*. No entanto, naturalmente, deparamo-nos com outros que dificultaram alguns procedimentos da pesquisa.

O primeiro deles foi o *caráter fragmentário e a falta de representatividade dos dados*, pois o primeiro casal possui apenas uma carta da missivista. Diante disso, não possuímos dados equilibrados dos missivistas, o que impossibilita a realização do controle de variáveis extralinguísticas. Essa questão de não possuímos um número equilibrado de cartas entre os missivistas de cada casal e de um casal para outro, nos impediu também de utilizarmos um programa estatístico para a rotação dos dados.

A segunda dificuldade que nos deparamos ainda no primeiro casal foi o problema da *autoria*. Esse problema surge ao passo que o missivista narrador (R.S.), por não saber escrever, ditava suas cartas para outra pessoa escrever, nesse caso, o missivista redator (T.Q.). Com isso, cria-se o questionamento se o missivista redator não haveria realizado

interferências na escrita das cartas. No entanto, acreditamos nas palavras do missivista redator que diz, na entrevista concedida ao pesquisador Júlio (2018), não ter realizado qualquer interferência durante a transcrição.

O fato de ter sido possível realizar uma entrevista com os missivistas faz com que a nossa pesquisa não enfrente mais problemas. Tais problemas dificultam, mas não tornam o estudo impossível. Consideramos ser importante elencar os problemas que permeiam o nosso *corpus* para que tenhamos conhecimento de que a pesquisa sofrerá algumas limitações.

3.6 Os fatores de análise/variáveis independentes

Para a realização dessa pesquisa, com ajuda da Sociolinguística Variacionista, delimitamos a variação entre os pronomes possessivos na indicação de posse para a segunda pessoa do singular como a nossa variável dependente, realizada por meio das variantes **teu** e **seu**. No que tange aos fatores de análise como possíveis condicionantes da variação, selecionamos a *posição de sujeito*, a *classificação das cartas*, a *categoria preenchida e não preenchida de sujeito*, a *variável gênero*, a *posição do possessivo em relação ao termo possuído*, a *semântica do possessivo* e a *estrutura composicional da carta*.

3.6.1 As formas na posição de sujeito

Elencamos a posição de sujeito como um fator de análise com o intuito de sabermos se o **tu** ou **você**, quando na posição de sujeito, influencia a escolha dos possessivos **teu** e **seu**. Segundo Lopes e Cavalcante (2011, p. 45), no português brasileiro, em meados do século XIX e início do século XX, havia grande ocorrência de sujeito não-preenchido. Em contrapartida, a partir dos anos 30, a categoria preenchida começou a se tornar a mais utilizada. Diante disso, também verificamos a distribuição dos possessivos de acordo com as categorias preenchida e não preenchida de sujeito.

Dessa forma, ao mapearmos a ocorrência do pronome possessivo, procuramos a forma tratamental a qual ele faz referência. Mediante isso, classificamos as cartas em que o sujeito é Tu exclusivo, Você exclusivo ou Tu~Você.

Para tanto, verificamos o pressuposto de Pereira (2016) que diz:

- I. Quando o sujeito é **tu** (exclusivo) há a preferência pelo possessivo **teu**;
- II. Quando o sujeito é **você** (exclusivo) há a preferência pelo possessivo **seu**;

- III. Quando ocorre a alternância entre **tu** e **você** ocupando a posição sujeito, há também alternância na escolha do possessivo **teu/seu**, sendo possível encontrar o possessivo **teu** em referência ao pronome pessoal **você**.

Vejamos alguns exemplos de introspeção que ilustram as nossas hipóteses:

- Sujeito **tu** (exclusivo):
(03) **Tu** não deverias ter ciúmes de mim, não esqueças que o meu amor é só **teu**.
- Sujeito *você* (exclusivo):
(04) **Você** deveria ter falado para o **seu** pai sobre o nosso amor.
- Alternância entre **tu** e **você** em posição de sujeito:
(05) **Você** não deveria ter ciúmes de mim, não esqueças que o meu amor é só **teu**.

(06) **Tu** não deveria ter ciúmes de mim, não esqueças que o meu amor é só **seu**.

3.6.2 A variável gênero como fator condicionante da variação **teu/seu**

Selecionamos esse fator com o intuito de analisarmos se essa variável pode ser condicionante da variação dos possessivos **teu/seu**. Para discutir os resultados, utilizaremos as Teorias de Poder e Solidariedade (BROWN E GILMAN, 1960) e a Teoria da Polidez (BROWN E LEVINSON, 1987). Para tanto, selecionamos as seguintes hipóteses:

- I. As mulheres tendem a conservar as formas canônicas prescritas pela gramática normativa **tu-teu**;
- II. Os homens preferem utilizar as formas inovadoras **você-seu**;

Os exemplos introspectivos, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

- Missivistas femininas:
(07) Peço que **tu** guardes o **teu** amor somente para mim.
- Missivista masculino:
(08) Minha querida noiva, **você** com todo o **seu** amor tornam o meu existir mais feliz.

3.6.3 O valor semântico do termo possuído

Considerando a natureza do nosso *corpus*, que é composta por cartas de amor, pressupõe-se que exista uma relação de intimidade entre os falantes e, conseqüentemente, a preferência pelas formas **tu-teu** que denotam essa proximidade entre os falantes. No entanto, isso não impede que mesmo em cartas de amor, haja ocorrências de formas de terceira pessoa, que denotam um grau de cerimônia e distanciamento. Diante disso, selecionamos o fator *a semântica do termo possuído* para analisarmos se esse fator pode condicionar o uso de uma ou de outra variante, e, assim, possa explicar a escolha pelas formas de terceira pessoa.

Como hipóteses, com base em Soares (1999), elencamos as seguintes hipóteses:

- I. O possessivo **teu** é mais utilizado para realizar a indicação de posse de substantivos animados;
- II. O possessivo **seu** é mais utilizado para a indicação de posse de substantivos inanimados.

Nossas hipóteses são ilustradas pelos seguintes exemplos introspectivos:

- **Teu** indicando a posse de substantivo inanimado:
(9) **Tua** carta me deixou muito feliz.
- **Seu** indicando a posse de substantivos animado:
(10) **Seu** pai precisa aceitar o nosso amor.

3.6.4 Posição do possessivo em relação ao termo possuído

A partir desse fator, buscamos identificar se a posição do possessivo em relação ao termo possuído pode condicionar a escolha de uma ou de outra forma. Para tanto, analisamos se os possessivos se encontram em posição pré-nominal ou pós-nominal; analisamos em quais contextos morfossintáticos há a realização do possessivo em tais posições; e se há preferência pelo possessivo **teu** ou **seu** para ocupar as posições pré-nominal ou pós-nominal. Para tanto, apresentamos as seguintes hipóteses:

- I. O **teu** é mais ocorrente em posição pré-nominal;
- II. O **seu** é mais ocorrente em posição pós-nominal;

Os exemplos introspectivos, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

- O possessivo **teu** em posição pré-nominal:

(11) Você não imagina a felicidade que me trouxe receber a tua missiva.

- O possessivo **seu** em posição pós-nominal:

(12) Eu espero que você esteja bem, nunca mais recebi carta **sua**.

3.6.5 A estrutura composicional da carta

Selecionamos esse fator com o intento de analisarmos se a estrutura composicional da carta, tal como: a captação de benevolência, o núcleo e a seção de despedida, pode ser uma variável condicionante da variação **teu/seu**. Na análise dos dados, utilizaremos o conceito de Tradição Discursiva para verificarmos se a repetição de um determinado possessivo, num dado contexto expresso na estrutura da carta, possa significar uma tradição. Nesse sentido, elencamos as seguintes hipóteses:

- I. O **teu** é mais ocorrente na saudação inicial e até o início do núcleo da carta pelo fato de que mesmo o missivista não realizando o pronome pessoal **tu** ele inicia a escrita com um certo cuidado vale-se da norma padrão e exprime sentimentos de modo mais intenso;
- II. O **seu** é mais ocorrente a partir do núcleo da carta, pelo fato de que o missivista já apresenta uma escrita menos policiada e já começa a tratar de alguns assuntos mais sérios, menos sentimentais.

Os exemplos introspectivos, a seguir, ilustram as nossas hipóteses:

- O possessivo **teu** no início da carta:

(13) Recebi a **tua** cartinha fiquei muito feliz em saber notícias **tuas**.

- O possessivo **seu** a partir do núcleo da carta:

(14) Acho que esta ideia de irmos para **sua** casa não irá dar certo.

A partir da apresentação do levantamento bibliográfico, que corresponde à contextualização da temática, do embasamento teórico e da metodologia adotada, no próximo capítulo, apresentamos e analisamos os resultados obtidos.

CAPÍTULO IV

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo, apresentaremos os resultados encontrados após a análise das formas possessivas no nosso *corpus*. O capítulo inicia com a apresentação do quantitativo geral dos pronomes **tu** e **você** na *posição de sujeito*, a classificação das cartas em *Tu* exclusivo, *Você* exclusivo e *Tu~Você* e, por fim, a apresentação do quantitativo geral dos pronomes possessivos **teu** e **seu**.

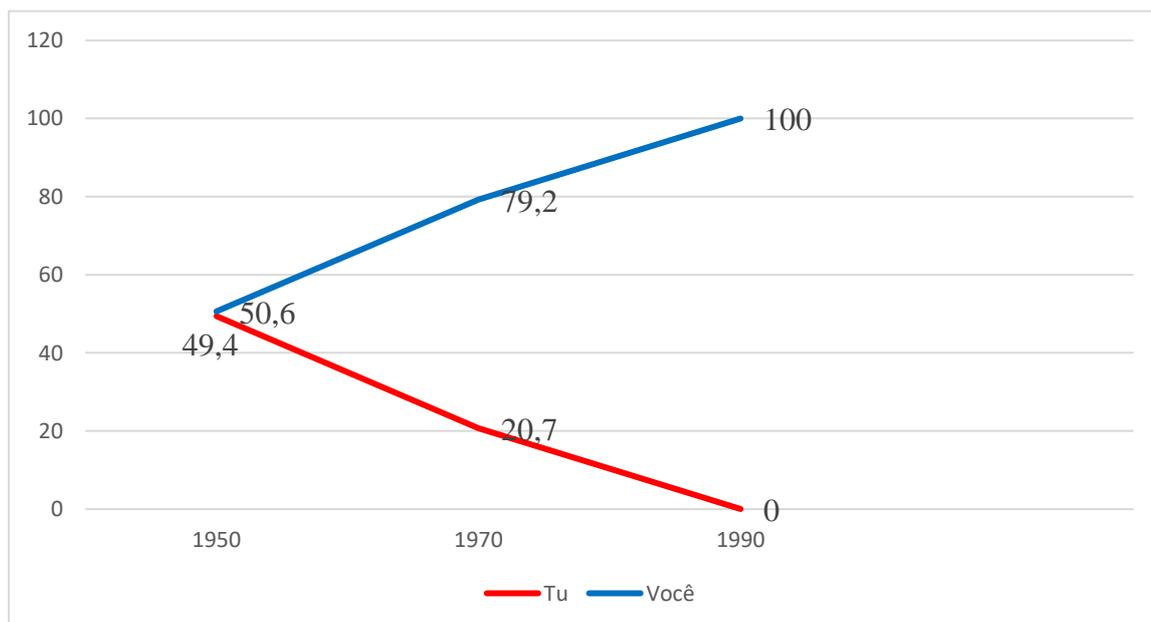
Na seção 4.2, apresentamos a correspondência entre as formas **tu/você** e **teu/seu** ao longo das três décadas, também apresentamos a distribuição dos possessivos em referência ao **tu** e **você** nas categorias preenchidas e não preenchidas de sujeito. Dando continuidade ao capítulo, apresentamos, na seção 4.3, os resultados obtidos por meio da análise do fator extralinguístico *gênero*.

Na seção 4.4, os resultados obtidos por meio da análise do fator condicionante *valor semântico do possessivo*, na seção 4.5 o controle do fator *posição do possessivo em relação ao termo possuído* e finalizamos o capítulo com a apresentação dos resultados obtidos por meio do controle do fator *estrutura composicional da carta*. À medida que apresentamos os dados de acordo com cada categoria de análise tentamos discutir os resultados com base nas teorias que embasam a pesquisa.

4.1 Quantitativo geral das ocorrências de tu/você e teu/seu

Nesse tópico, com base no estudo de Júlio (2018), que analisou a distribuição das formas **tu** e **você** em posição de sujeito nas cartas das décadas de 50 e 70, apresentamos a distribuição dessas formas ao longo das três décadas. O gráfico 1 ilustra os resultados desse estudo:

Gráfico 1: ocorrências dos pronomes tu e você ao longo das três décadas



Fonte: adaptado de Júlio (2018)

De acordo com os dados apresentados no gráfico, é possível observar que na década de 50 há uma frequência muito próxima das formas **tu** e **você** na posição de sujeito. Na década de 70, já é possível observar que houve o uso majoritário do **você** na posição de sujeito, como destaca Júlio (2018). Na década de 90, por sua vez, houve total uso do **você** na posição de sujeito.

Lopes *et al* (2017) também realizaram um estudo sobre como ocorre a variação dos pronomes pessoais **tu/você**, no Rio de Janeiro. Nesse estudo, foi identificado que desde o século XIX os missivistas cariocas produzem três tipos de cartas: cartas com *Tu* exclusivo, *Você* exclusivo e cartas com as duas formas em variação na posição de sujeito *Tu-Você*.

A fim de tentarmos compreender melhor o uso dos pronomes possessivos nas missivas, realizamos, assim como Lopes *et al* (2017), uma classificação da simetria do tratamento utilizado nas 153 cartas. Assim, classificamos as missivas em *Tu* exclusivo, *Você* exclusivo e *Tu-Você*. Além disso, identificamos cartas sem ocorrências de pronomes na posição de sujeito, mas, por apresentarem os seus paradigmas de clíticos e genitivos, decidimos classificá-las como cartas com pronome nulo.

A análise é realizada por casal com o intuito de verificarmos melhor a trajetória das formas **tu** e **você** ao longo das três décadas. Na tabela, abaixo, podemos observar os resultados dessa classificação:

Quadro 8: Classificação das cartas

Década	<i>Tu</i> exclusivo	<i>Você</i> exclusivo	<i>Tu~Você</i>
1950	36%	23%	41%
1970	24%	60%	16%
1990	0	100%	0

Fonte: o autor (2021)

As 22 cartas do casal I, que datam a década de 50, distribuem-se em 8 cartas (36%) de simetria *Tu* exclusivo, 5 cartas (23%) de *Você* exclusivo e 9 cartas (41%) de *Tu-Você*. Quanto à classificação das 116 cartas do casal da década de 70, os dados apresentam uma mudança em relação à escolha da simetria do tratamento. Nesse casal, a simetria *Você* exclusivo é predominante com 70 (60%) das ocorrências; o *Tu* exclusivo com apenas 27 (24%) e 19 (16%) de *Tu~Você*.

Nas 15 cartas do casal III, datadas da década de 90, ocorre uma guinada em relação à década de 50. As 15 cartas analisadas apresentam simetria *Você* exclusivo, sendo possível observar o *te* e **teu** coindexados ao **você**. Os dados apresentados, a partir da década de 70, corroboram o estudo de Souza (2012), em que são identificadas três fases do comportamento da variação **tu/você**.

Nesse sentido, de acordo com a autora, na terceira fase (1930-1970), na qual, a maior parte das cartas que compõem o nosso *corpus* insere-se, o pronome **você** se apresenta como mais ocorrente que o pronome **tu**. Em consonância com o estudo de Souza (2012), os resultados apresentam um constante crescimento do número de cartas de simetria *Você* exclusivo e constante declínio de cartas de simetria *Tu* exclusivo e *Tu~Você*.

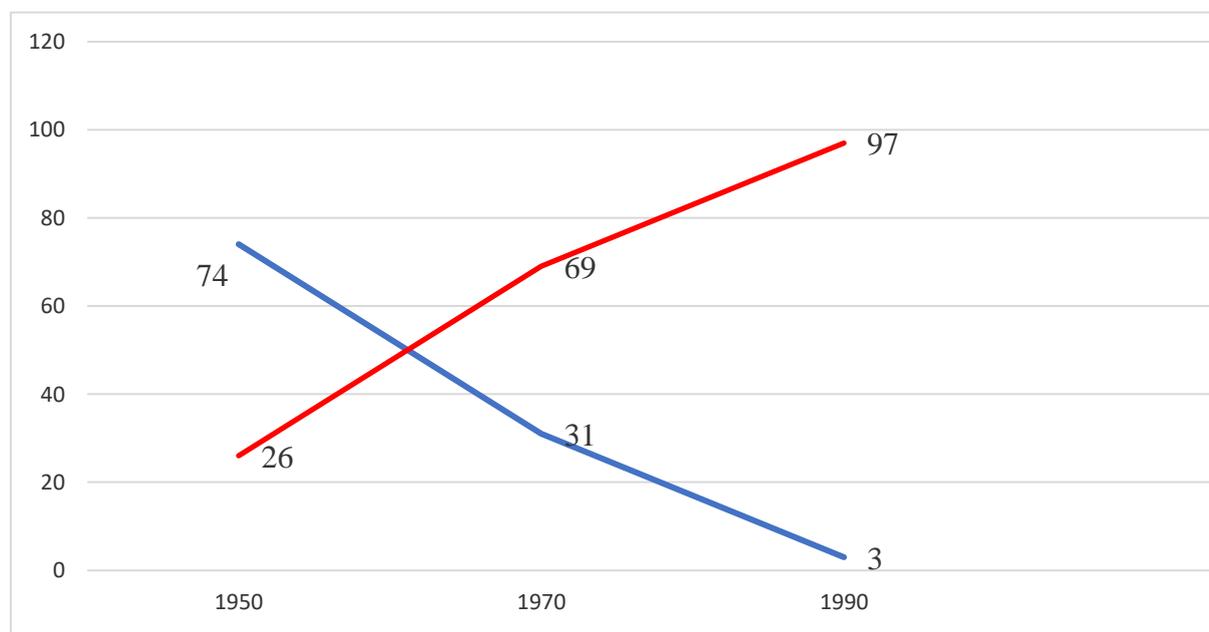
Nesse sentido, embora não tenhamos um número equivalente de cartas para cada uma das três décadas, podemos identificar, assim como Souza (2012), três fases da variação **tu/você** no *corpus*:

- 1ª fase: de 1956 a 1958 as duas formas apresentam números de ocorrências próximos;
- 2ª fase: de 1972 a 1977 **você** passa a ser mais ocorrente que o pronome **tu**;
- 3ª fase: entre 1993 e 1994 **você** passa a ser a forma utilizada na posição de sujeito.

Em relação à indicação de posse para a segunda pessoa do singular, encontramos no *corpus* 319 ocorrências das formas pronominais possessivas **teu/seu**. Essas ocorrências se distribuem em 117 da variante **teu** e 202 da variante **seu**. Esse dado mostra que a variante **seu**

é a mais ocorrente nas cartas do sertão de Pernambuco. No gráfico 2, apresentamos o percurso das variantes ao longo das três décadas, os dados estão quantificados em porcentagem:

Gráfico 2: ocorrências gerais dos possessivos teu/seu



Fonte: o autor (2021)

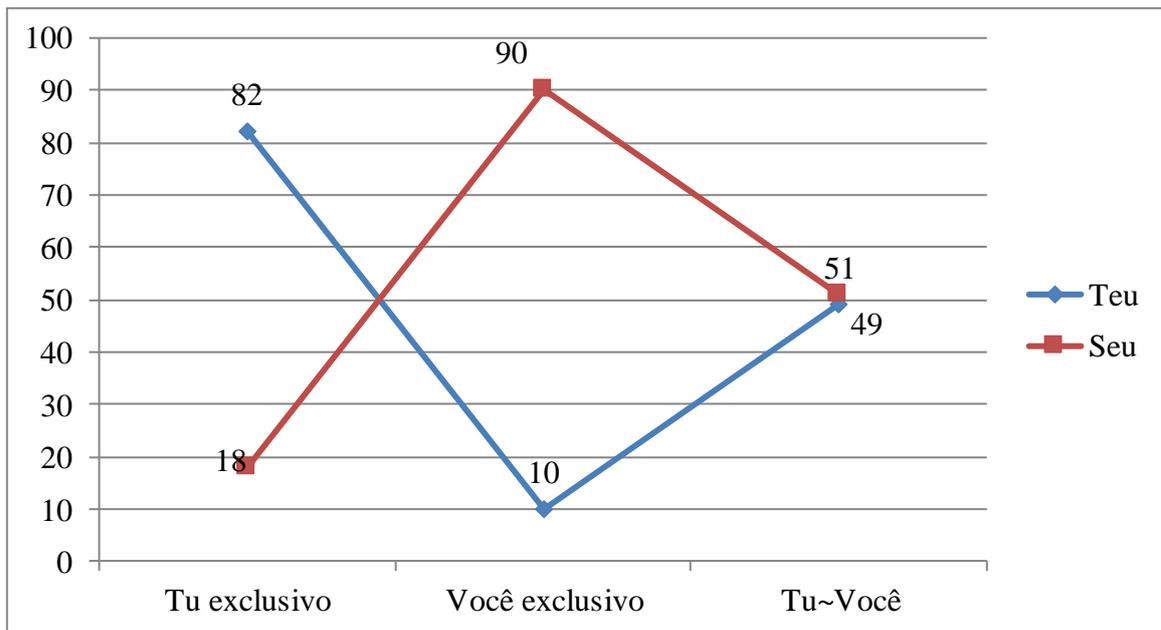
De acordo com o gráfico 2, na década de 50, 74% das ocorrências dos possessivos são da variante **teu**. Na década de 70, 69% das ocorrências dos possessivos são da variante **seu**. E, por fim, na década de 90, 97% das ocorrências são da variante **seu**, há apenas duas (3%) ocorrência da variante **teu**.

Segundo Neves (2015, p. 17), os pronomes pessoais oblíquos e os possessivos coindexados com *você* e *vocês* devem ser sempre os da 3ª pessoa (*o, a lhe, seu, etc.*). Desse modo, os resultados encontrados no *corpus* dialogam positivamente com o que foi afirmado por Neves (2015). O nosso *corpus* apresenta a correspondência de formas **você-seu, tu-teu**.

4.2A concordância entre tu-você e teu-seu

Nesta seção, apresentaremos os resultados obtidos a partir do cruzamento das ocorrências dos possessivos com a classificação das cartas. O gráfico 3 ilustra o resultado desse cruzamento:

Gráfico 3: ocorrências gerais dos possessivos em cada tipo de carta



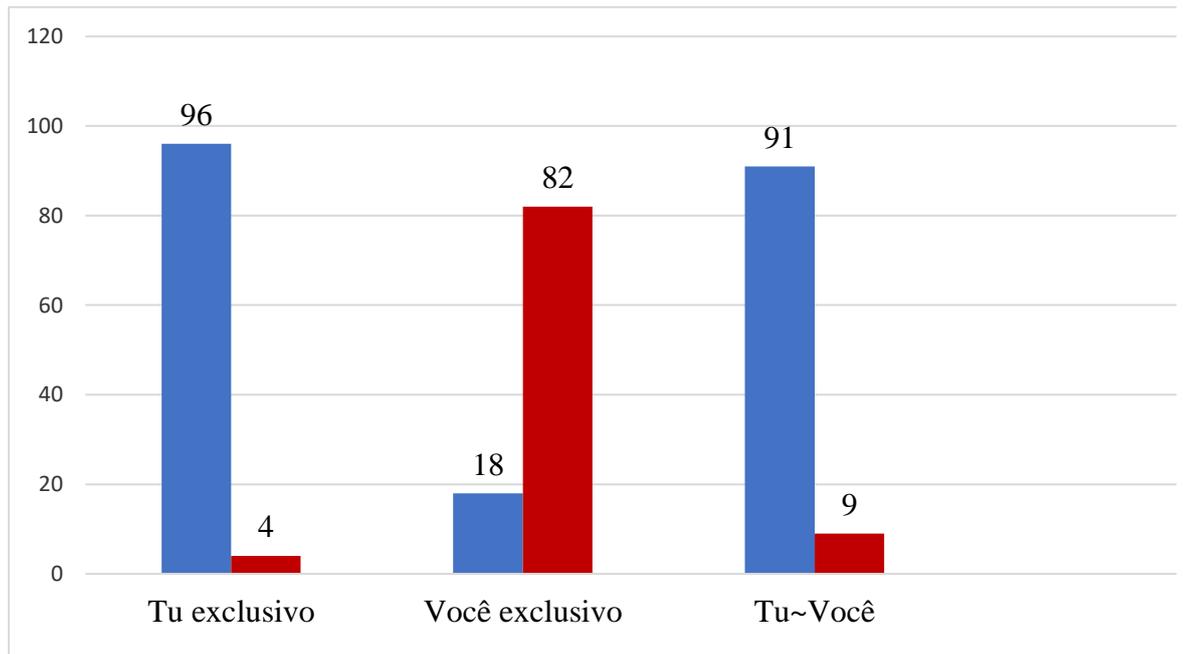
Fonte: o autor (2021)

No gráfico 3, analisamos a distribuição geral dos possessivos **teu** (linha azul) e **seu** (linha vermelha) em cada tipo de carta. Podemos identificar que, em geral, o possessivo **teu** é mais ocorrente nas cartas de simetria *Tu* exclusivo e o possessivo **seu** é mais ocorrente em cartas de simetria *Você* exclusivo. A variante **teu** é favorecida nas cartas de simetria *Tu* exclusivo 82% das ocorrências. Além disso, essa variante também possui 15 (10%) ocorrências nas cartas de *Você* exclusivo, que representa ainda uma resistência dessa variante.

A variante **seu**, por sua vez, é favorecida nas cartas de *Você* exclusivo e apresenta 9 (18%) das ocorrências nas cartas de *Tu* exclusivo. Esse dado de 18% pode indicar o início de especialização do possessivo **seu** para indicar posse na segunda pessoa do singular até mesmo em referência a **tu** na posição de sujeito.

Nas cartas de simetria *Tu~Você*, as duas variantes apresentam porcentagens muito próximas, 49% da variante **teu** e 51% da variante **seu**. Ao apresentarmos os dados em um contexto geral, não podemos explicar alguns fatos que sucedem no *corpus*. Portanto, para melhor analisarmos esse cruzamento de dados de acordo com as décadas analisadas, a seguir, apresentamos os resultados das cartas de cada década em individual.

Gráfico 4: A concordância entre tu-você e teu-seu nas cartas do casal da década de 50



Fonte: o autor (2021)

O gráfico 4 apresenta os resultados obtidos nas cartas do casal I, que datam a década de 50. Nessa década, foi possível observar que, nas cartas de *Tu* exclusivo, o possessivo mais utilizado é o possessivo **teu**, correspondendo a 96% das ocorrências. Nas cartas de simetria *Você* exclusivo, o possessivo **seu** apresenta maior número de ocorrências 82% em relação a 18% de **teu**; nas cartas de simetria *Tu~Você*, foram identificadas 91% de **teu** e 9% de **seu**.

O surgimento de 4% da variante **seu** em cartas de simetria *Tu* exclusivo pode indicar uma especialização dessa variante. O possessivo **seu** começa a ser uma das possibilidades de realizar a indicação de posse para a segunda pessoa do singular por si só e não somente quando em concordância com o pronome **você**. O exemplo, a seguir, ilustra essa constatação:

(01)“[...] **tú** fale sobre | este assunto a **téus** país e depois me | diga o que eles disseram porque eu já | estou sismado e não falar com | **seu** pai sem primeiro saber alguma solução.” (C1_M_1957_6)

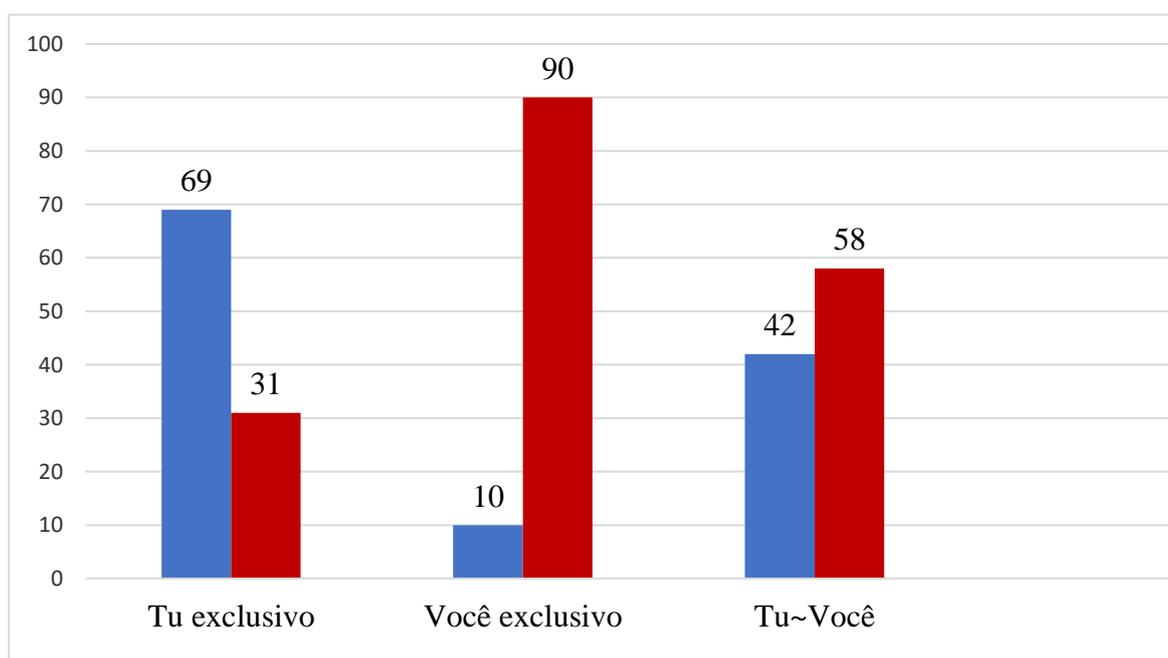
O exemplo 1 apresenta uma ocorrência do possessivo **seu** coindexado ao pronome **tu**. Antes dessa realização, o missivista utilizou o possessivo **teu**, o que constata que essa variante, é a mais habitual a ser utilizada para a indicação de posse nessa década. No entanto, o possessivo **seu** já começa a surgir também em referência ao pronome pessoal **tu**.

Nas cartas de *Você* exclusivo, a variante **teu** apresenta 18% das ocorrências, o que pode ser explicado pelo fato de ela ser a forma canônica para a indicação de posse da segunda

pessoa do singular. Nas cartas de simetria *Tu~Você*, houve mais ocorrências do possessivo **teu** porque há mais ocorrências do pronome pessoal **tu**. Além disso, os resultados obtidos comprovam uma correspondência de formas **tu-teu, você-seu** para a década de 1950.

No próximo gráfico, apresentaremos os dados obtidos nas cartas do casal da década de 70:

Gráfico 5: A concordância entre tu-você e teu-seu nas cartas do casal da década de 70



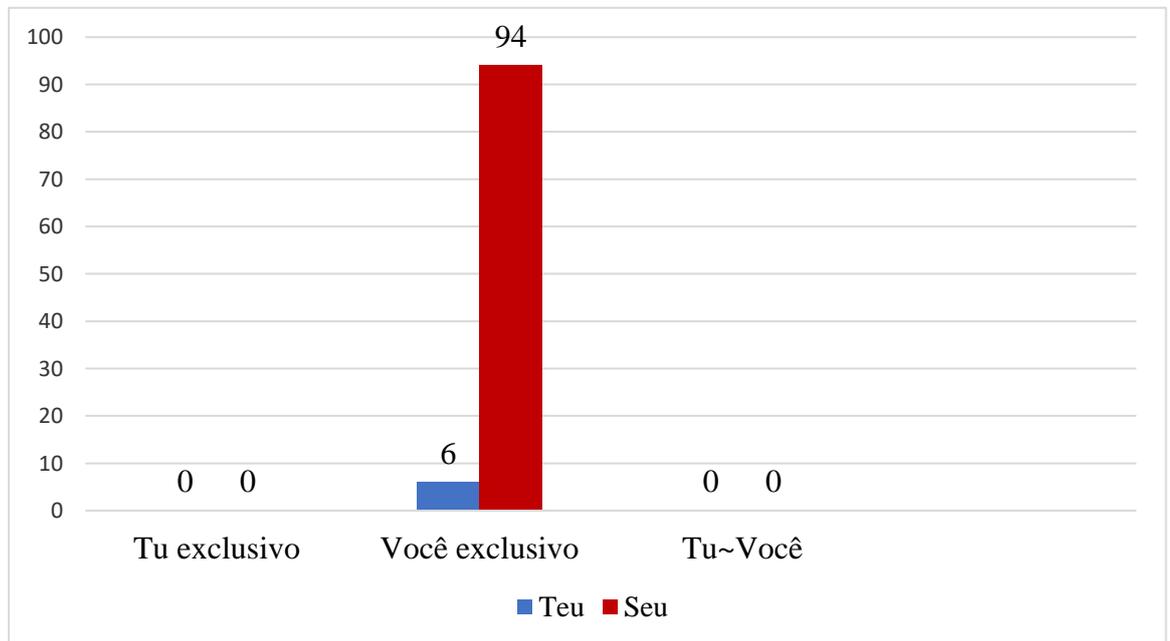
Fonte: o autor (2021)

O gráfico 5 apresenta os dados obtidos nas cartas do casal II, que datam a década de 70. Nessas cartas, foi possível observar que ainda há preservação da concordância de formas. Como apresentado, nas cartas de simetria *Tu* exclusivo há mais ocorrências da variante **teu** 69% e nas cartas de simetria *Você* exclusivo, há mais ocorrências da variante **seu** 90%.

Nessas cartas, foi possível observar o aumento considerável de ocorrência da variante **seu** nas cartas de simetria *Tu* exclusivo (31%) e nas cartas de *Tu~Você* 58%. Esses dados indicam que essa variante começa a ganhar espaço em relação a sua variante concorrente, o possessivo **teu**. A variante **teu**, por outro lado, apresenta grande declínio nas três classificações de cartas encontradas nesse casal.

No gráfico 6 apresentaremos os dados obtidos no casal da década de 90:

Gráfico 6: A concordância entre tu-você e teu-seu nas cartas do casal da década de 90



Fonte: o autor (2021)

As cartas desse casal foram classificadas apenas em cartas de simetria *Você* exclusivo. Nessas cartas, foram identificadas apenas duas ocorrências (6%) da variante **teu** e 94% das ocorrências são da variante **seu**. Nesse sentido, esse casal apresenta as formas **você** como o pronome pessoal para a segunda pessoa do singular e a variante **seu** como o possessivo preferido para a indicação de posse para a segunda pessoa do singular.

Os exemplos a seguir, extraídos do *corpus*, ilustram a nossa discussão:

- Carta de simetria Tu exclusivo:

(02) “[...] **tu** não avalias ais saudades | que vivo sofrendo por te nestes dias que não | posso passar ao **teu** lado.” (C1_F_SD_1)

- Carta de simetria *Você* exclusivo:

(03) “[...] se **você** | quiser acabar por **sua** livre e espontânea | vontade acabe.” (C1_M_1956_3)

(04) “[...] “Deus” queira que seja muito feliz, **você** merece. Sabe, soufri estou, sofrendo muito, me sentindo sozinha. Acho que aquela mite de an_ tes não

existe mais, só existe magoas dentro de mim, gostaria que estivesse aqui, pra chorar no **teu** ombro.” (C3_F_SD-1)

- Carta de simetria Tu~Você:

(05) “[...] **você** si sente feliz ao meu lado o quanto | eu me sinto ao **teu** mas infelizmente não é passível | mas logo estarei ao **teu** lado.” (C2_M_1975_28)

O exemplo 2 foi retirado de uma carta de simetria *Tu* exclusivo, nesse exemplo, a missivista do casal I utiliza completamente o paradigma de segunda pessoa com as formas canônicas utilizando ainda a conjugação verbal “*avalias*”. No exemplo 3, o missivista do casal I escreve a carta com simetria *Você* exclusivo coindexada a variante **seu**.

No exemplo 4, por sua vez, a missivista do casal II escreve uma carta de simetria *Você* exclusivo e coindexa a variante **teu** ao pronome **você**. Por fim, no exemplo 5, o missivista do casal II utiliza o **você** na posição de sujeito e realiza a indicação de posse com o possessivo **teu**.

Diante disso, observamos que nas cartas de simetria *Tu-Você* da década de 70 e nas cartas de simetria *Você* exclusivo da década de 90, há ocorrências do possessivo **teu** coindexado com **você** na posição de sujeito. Esse dado pode indicar que o pronome **você** pode ter suplantado o **tu** e o possessivo **seu** caminha para a consolidação da mudança, uma vez que nas cartas da década de 90 encontra-se apenas duas ocorrências da variante **teu**.

Ainda analisando a distribuição dos possessivos em referência a **tu** e **você** na posição de sujeito, verificamos essa correspondência de acordo com a categoria preenchida e não preenchida de sujeito. Ao analisar a distribuição dos pronomes pessoais **tu** e **você**, nas cartas das décadas de 50 e 70, Júlio (2018) observou que, na década de 50, as duas formas são fortemente realizadas na categoria preenchida de sujeito.

Por outro lado, na década de 70, o autor observou que o **você** continua sendo favorecido na categoria de sujeito preenchido. E o **tu**, por sua vez, passou a ser utilizado na categoria não preenchida, sendo marcado pela desinência verbal. Embora não tenhamos realizado essa análise nas cartas da década de 90, observamos que não há ocorrências do **tu**. Por outro lado, o **você** é hegemônico, sendo realizado nas categorias preenchida e não preenchida de sujeito.

O quadro, a seguir, apresentamos a distribuição dos possessivos de acordo com a posição de sujeito preenchida e não preenchida ao longo das três décadas.

Quadro 9: teu e seu em referência a tu e você nas categorias preenchida e não preenchida de sujeito

	Teu				Seu			
	Tu Preenchido	Tu Não preenchido	Você Preenchido	Você Não preenchido	Tu Preenchido	Tu Não preenchido	Você Preenchido	Você Não preenchido
1950	62%	2%	36%	0	12,5%	0	87,5%	0
1970	0	61%	39%	0	1%	17%	70%	12%
1990	0	0	0	100%	0	0	57%	43%

Fonte: o autor (2021)

De acordo com os dados apresentados no quadro 9, na década de 50 a variante **teu** é favorecida nas categorias de **tu** preenchido 62% e **você** preenchido 36%, há apenas 2% da variante em referência a **tu** não preenchido. A variante **seu** apresenta 12,5% em referência a **tu** preenchido e 87% em referência a **você** preenchido. Segundo Júlio (2018), nessa década, as formas **você** e **tu** ocupam mais a categoria preenchida, por esse motivo, não há ocorrências dos possessivos em referência ao **você** não preenchido e apenas 2% da variante **teu** em referência a **tu** não preenchido.

No casal da década de 70, as ocorrências da variante **teu** se distribuem em 61% em referência a **tu** não preenchido e 39% a **você** preenchido. Identificamos então que com a não realização do **tu** preenchido a variante **teu** apresentou crescimento de 3% em referência a **você** preenchido. Em relação à variante **seu**, ela apresenta 70% das ocorrências em referência a **você** preenchido, mas transita nas demais categorias de sujeito apresentando até mesmo uma ocorrência 1% em referência a **tu** preenchido. Vejamos o exemplo que evidencia essa ocorrência:

(06) “[...] D. Carlinda me falou que **tu** não | falou a **sua** mãe a respeito disto.”
(C2_F_1974_16)

Em relação às cartas do casal da década de 90, a variante **teu** apresentou 2 (100%) ocorrências em referência a **você** preenchido. A variante **seu**, por sua vez, apresenta 57% em referência a **você** preenchido e 43% a **você** não preenchido. Diante desses dados, identificamos que o preenchimento da posição de sujeito **você** é um fator que favorece o uso da variante **seu**, sendo essas duas formas as mais utilizadas pelos missivistas da década de 70 e 90.

Essa afirmação se faz mais notória ao olharmos para as duas únicas ocorrências da variante **teu**, na década de 90, que são realizadas em referência a **você** na categoria não preenchida de sujeito. Como apresentado nos exemplos, a seguir:

(07) “[...] Acho que aquela mite de an_ tes não existe mais, só existe magoas dentro de mim, gostaria que estivesse aqui, pra chorar no **teu** ombro.” (C3_F_1994_1)

(08) “[...] so o fato de estar a **seu** lado era o suficiente para mim. ~~mas quando Dea falou a~~ e pensei ele ainda gosta de mim vi um certo brilho nos **teus** olhos!”

Na próxima seção, apresentamos os resultados obtidos a partir do controle da variável gênero.

4.3 A variável gênero

Nesta seção, são apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir do controle da variável gênero. Os resultados serão apresentados, inicialmente, pela divisão por gênero e classificação das missivas e, posteriormente, os resultados relacionados às ocorrências dos possessivos. Talvez esse controle pudesse ter sido apresentado na seção anterior que, de certa forma, já possuem esses dados. No entanto, acreditamos que seja mais compreensível apresentarmos em um tópico único por evitar excesso de informação nos gráficos e quadros.

No quadro, a seguir, apresentamos os resultados obtidos nos três casais:

Quadro 10: A classificação das cartas de acordo com o fator gênero

	1950		1970		1990	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem
<i>Tu</i> exclusivo	100%	33%	22%	-	-	-
<i>Você</i> exclusivo	-	24%	34%	89%	100%	100%
<i>Tu~Você</i>	-	43%	44%	11%	-	-

Fonte: o autor (2021)

Nas cartas do casal da década de 50, infelizmente, há apenas 1 (100%) carta da missivista feminina, nessa carta, a missivista utiliza o *Tu* exclusivo e possessivo **teu**. Mesmo sendo apenas uma carta, as formas utilizadas corroboram a nossa hipótese de que as mulheres tendem a preservar as formas linguísticas mais tradicionais. Por outro lado, há maior número

de cartas do missivista, que se distribue em 7 (33%) de *Tu* exclusivo, 5 (24%) de *Você* exclusivo e 9 (43%) de tratamento *Tu~Você* sendo a maioria das ocorrências da forma **você**.

Em relação à classificação das cartas da década de 70, nas cartas da missivista classificamos 13 (22%) com uso de *Tu* exclusivo, 21 (34%) com uso de *Você* exclusivo e 27 (44%) com a presença da variação *Tu~Você*. Nas cartas de simetria *Tu~Você*, a maioria das ocorrências são do pronome pessoal **tu**. Nas cartas do missivista, encontramos 49 (89%) cartas de uso do *Você* exclusivo e 6 (11%) de variação de *Tu~Você*. O missivista não faz uso do pronome **tu** em posição preenchida e nas cartas em que ele utiliza a Variação *Tu~Você* há mais ocorrências do **você** do que do pronome **tu**.

Nas cartas do casal da década de 90, de acordo com os resultados apresentados, as missivas dos dois missivistas são escritas todas com a simetria *Você* exclusivo.

A seguir, apresentaremos um quadro relacionando as ocorrências dos possessivos com a classificação das missivas.

Quadro 11: Ocorrências de teu/seu nas cartas das missivistas

	Missivista do casal I -1950		Missivista do casal II-1970		Missivista do casal III - 1990	
	teu	seu	teu	seu	teu	seu
<i>Tu</i> exclusivo	100%	-	70%	30%		-
<i>Você</i> exclusivo	-	-	23%	77%	7%	93%
<i>Tu~Você</i>	-	-	36%	64%		-

Fonte: o autor (2021)

O quadro 11 mostra que a missivista do casal I realiza 100% das ocorrências do possessivo **teu** em sua única carta. Embora não se tenha um número equilibrado de cartas da missivista e do missivista dessa década, esse dado nos parece interessante, pois mesmo havendo apenas uma carta ela é escrita com a simetria *Tu* exclusivo e o possessivo **teu** com desinências de conjugação verbal. O exemplo abaixo ilustra esses resultados:

(09) **tu** não avalias ais saudades | que vivo sofrendo por *te* nestes dias que não | posso passar ao **teu** lado sentindo a doçura | do **teu** amor. (C1_F_SD_1)

Esse exemplo traz um paradigma completo do **tu**. O pronome pessoal está na função de sujeito preenchida, o verbo *avaliar* está conjugado na segunda pessoa *avali*as, o *te* está ocupando a função de objeto e o possessivo utilizado para indicar a posse é o possessivo **teu**.

Por mencionarmos o clítico *te*, utilizado no paradigma de *Tu* exclusivo, salientamos que Silva (2019) analisou a variação das formas de função acusativa *te/lhe* nas cartas da década de 50. Como resultado, a pesquisadora identificou que o *te* é a forma habitual até mesmo em referência ao **você** na posição de sujeito.

Nas cartas da missivista do casal II, que datam a década de 70, o pronome **você** já ganha maior notoriedade, ou seja, já apresenta mais ocorrências do que o pronome **tu**. Mesmo em período de maior utilização do pronome **você**, a missivista ainda escreve cartas com simetria *Tu* exclusivo 34% e 70% das ocorrências dos possessivos nesse tipo de carta são do possessivo **teu**. Nas cartas de simetria *Você* exclusivo, a missivista ainda realiza 23% das ocorrências do pronome **teu** e 36% nas cartas de simetria *Tu~Você*.

Os resultados obtidos nas cartas da missivista do casal da década de 90 nos confirmam a resistência do pronome possessivo **teu** nas cartas da missivista. A tabela apresenta duas (7%) ocorrência do possessivo **teu** em cartas de simetria *Você* exclusivo. Nessa década, todas as cartas são escritas com o pronome **você** ocupando a posição de sujeito.

No próximo quadro, apresentaremos os resultados da análise da distribuição dos possessivos nas cartas dos missivistas.

Quadro 12: Ocorrências de teu/seu nas cartas dos missivistas

	Missivista do casal I -1950		Missivista do casal II-1970		Missivista do casal III - 1990	
	teu	seu	teu	seu	teu	seu
<i>Tu</i> exclusivo	95%	5%	-	-	-	-
<i>Você</i> exclusivo	23%	77%	19%	81%	-	100%
<i>Tu~Você</i>	63%	37%	33%	67%		-

O autor (2021)

O quadro 12 apresenta a distribuição dos possessivos nas cartas dos missivistas. O missivista do casal I, em suas cartas de simetria *Tu* exclusivo, já utiliza 5% de ocorrências do possessivo **seu**, esse dado mostra que o possessivo **seu** começa a ser utilizado até mesmo sem ser em referência ao pronome **você** e começa a ser utilizado pelo missivista masculino.

Nas cartas de simetria *Você* exclusivo, o missivista ainda conserva 23% das ocorrências do possessivo **teu**. Isso, possivelmente, se deve ao fato de ele ser o possessivo habitual nesta década, no entanto, 77% são do possessivo **seu**. Nas cartas de simetria *Tu~Você*

o possessivo **teu** representa 62% e o possessivo **seu** apenas 38%, pois o pronome **tu** era mais utilizado que o pronome **você**.

Nas cartas do missivista do casal II, que datam a década de 70, o pronome **você** apresenta maior número de ocorrências em relação ao pronome **tu**. Como prova disso, o missivista não escreve nenhuma carta com simetria *Tu* exclusivo. Nas cartas de simetria *Você* exclusivo, ele ainda conserva 19% relativos a ocorrências do possessivo **teu** em concorrência com 81% do possessivo **seu**. Nas cartas de simetria *Tu~Você*, 33% são do possessivo **teu** e 77% são do possessivo **seu**.

Nas cartas do missivista do casal III, o possessivo utilizado é o possessivo **seu** (100%). O missivista escreve todas as suas cartas com a simetria *Você* exclusivo e utiliza o possessivo **seu** para realizar a indicação de posse. A missivista dessa década ainda realizou duas ocorrências do possessivo **teu** em duas cartas de simetria *Você* exclusivo.

Embora não se possa considerar efetivamente os dados do casal I por não haver um número equilibrado de cartas entre os missivistas, acreditamos que, em geral, há preferências de uso pelas formas analisadas. No casal I, a missivista escreve a sua única carta toda no paradigma de **tu** e o missivista escreve cartas com as três simetrias, sendo quatro de *você* exclusivo; no casal II, o missivista escreve cartas apenas de simetria *Você* exclusivo e algumas de simetria *Tu~Você*; no casal III, os missivista escrevem cartas apenas de paradigma *Você* exclusivo. O missivista utiliza 100% o possessivo **seu** e a missivista ainda utiliza duas ocorrências da variante **teu**.

De modo geral, todas essas ocorrências representam uma correspondência de formas **tu-teu**, **você-seu**. Esses dados nos fazem acreditar em uma preferência de formas - as mulheres tendem a preservar as formas canônicas, prescritas pela gramática normativa, e os homens parecem possuir maior liberdade para utilizarem as formas inovadoras.

Com base na teoria do Poder e Solidariedade, proposta por Brown e Gilman (1960), esses resultados se justificam nas atribuições sociais do homem e da mulher. Em determinados períodos da história, a mulher foi, cabalmente, designada ao cumprimento de atividades domésticas, de modo que teve pouco ou nenhum acesso à escolarização. Ao passo disso, o homem deteve o encargo de sair para trabalhar, pois sua função elementar era suprir as necessidades da casa e dos membros da família.

Porém, a mulher também era obrigada a aprender o máximo possível para poder alfabetizar os filhos, enquanto isso, o homem, muitas vezes, viajava para outros estados em busca de emprego. Tais circunstâncias talvez expliquem o fato de as missivistas conservarem as formas canônicas e os missivistas utilizarem as formas mais comuns na língua oral. Já que,

de certa forma, o dever de educar e, principalmente, de alfabetizar os filhos era designado às mulheres.

Ao analisar o perfil social das missivistas das cartas do nosso *corpus*, podemos identificar que todas elas tiveram acesso à escolarização. A missivista do casal I, ainda criança, foi alfabetizada no nível escolar de primeiras letras, para a época, ter essa formação era de muito privilégio. A missivista do casal II informa ter sido autodidata no processo de alfabetização, teve formação superior em Ciências Biológicas, com complementação em Matemática, concluído no ano de 1997. E a missivista do casal III foi alfabetizada em uma escola da zona rural, no município de Triunfo-PE e em 1993 se formou no magistério.

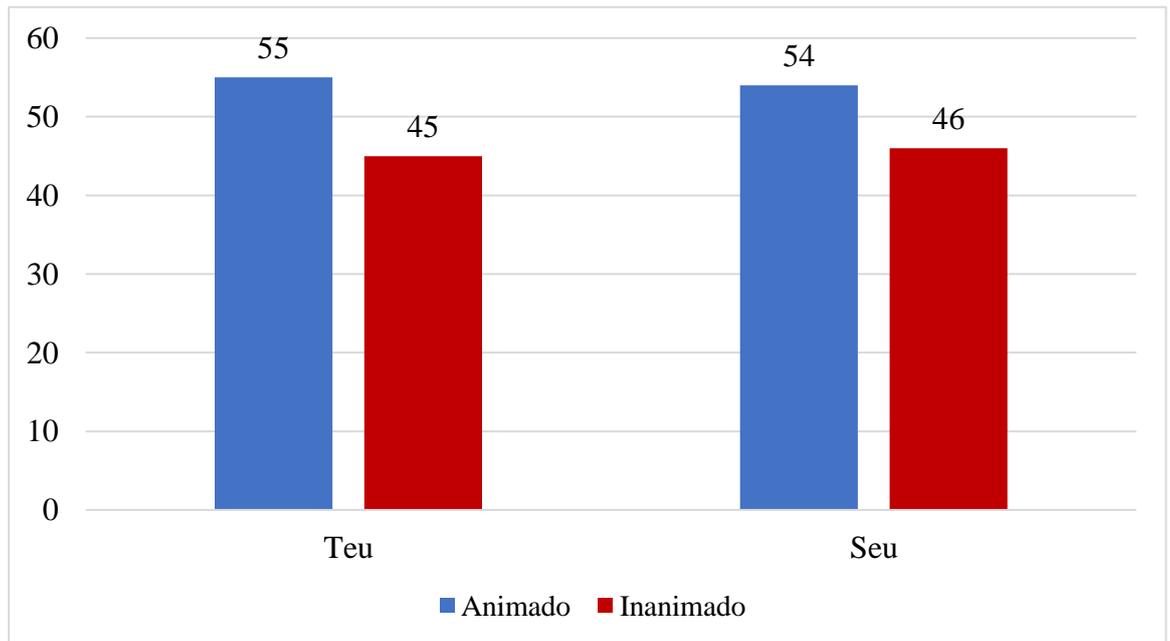
Os missivistas não possuem esse grau de formação, pois precisaram escolher entre o estudo e o trabalho. O missivista do casal I não possui escolarização e ditava suas cartas para alguém que sabia ler e escrever. O missivista do casal II teve uma formação correspondente ao que hoje se entende por fundamental II. Devido ao seu ingresso na carreira militar, só após o período de escrita das cartas, foi que conseguiu concluir o Ensino Médio E, por fim, o missivista do casal III é o único que possui o Ensino Médio, no entanto, não se sabe em que fase escolar estava no período de escrita das cartas.

Diante dessas informações podemos considerar que ao controlarmos a variável gênero, foi possível identificar que o grau de escolaridade pode condicionar o uso das formas **você/tu**, **teu/seu**, pois as mulheres possuem maior grau de escolaridade. As mulheres tendem a preservar as formas **tu/teu** e os homens, já desde a década de 70, apresentam preferência pelas formas **você/seu**. Até mesmo na década de 90, em que o **você** é hegemônico na posição de sujeito. Nessa década, a missivista ainda utiliza duas ocorrências do possessivo **teu** e o missivista realiza totalmente a correspondência **você-seu**.

4.4 O valor semântico do termo possuído

Nesse tópico, analisamos a semântica do termo possuído com o objetivo de identificar se esse fator pode condicionar o uso das variantes **teu** e **seu**. Nesse sentido, verificamos se a classificação dos substantivos em animados e inanimados pode influenciar na variação dos possessivos **teu** e **seu**. Nesse sentido, acreditamos que o possessivo **teu** indique a posse de substantivos animados e o possessivo **seu** de substantivos inanimados. No gráfico, a seguir, apresentamos os resultados obtidos mediante a análise:

Gráfico 7: A semântica do termo possuído



Fonte: o autor (2021)

O gráfico sete mostra que as ocorrências do possessivo **teu** se distribuem em 55% em referência a substantivos animados e 45% a substantivos inanimados. O possessivo **seu**, por sua vez, apresenta 54% das ocorrências em referência a substantivos animados e 46% em referência a substantivos inanimados. Vejamos os exemplos:

- **teu** e **seu** em indicação de posse de substantivos animados:

(10) “[...] **tú** fale sobre | este assunto a **téus** país e depois me | diga o que eles disseram porque eu já | estou sismado e não falar com | **seu** pai sem primeiro saber algu|ma solução.” (C1_M_1957_6)

- **teu** e **seu** em indicação de posse de substantivos inanimados:

(11) “[...] CELMA desde que ti | conheci sob os **teus** cuidados pouco a pouco fui voltando | a viver ao **seu** lado.” (C2_M_1974_14)

No exemplo 10, retirado de uma carta do missivista do casal I, há uma realização do possessivo **teu** e uma do possessivo **seu** indicando a posse de substantivos animados. Os dois possessivos estão indicando a posse de uma mesma palavra pai/pais, a única diferença é que o possessivo **teus** se encontra no plural em concordância com “pais”, mas o valor semântico do substantivo nas duas ocorrências é o mesmo.

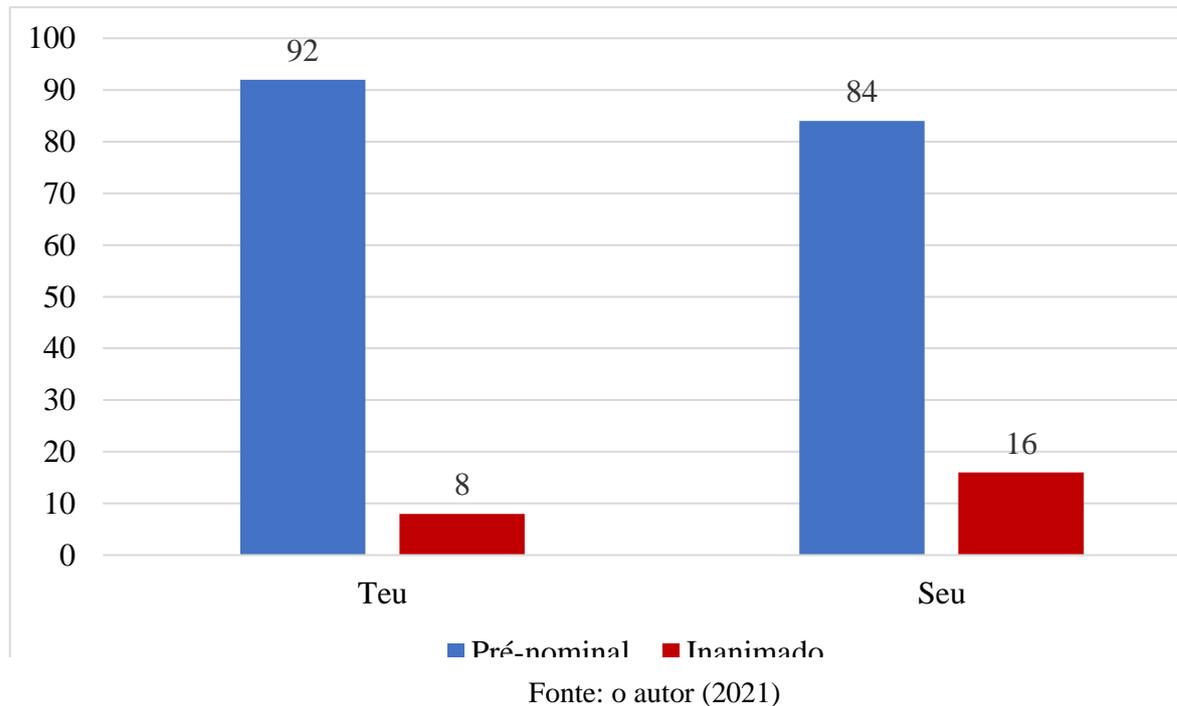
No exemplo 11, retirado de uma carta do missivista do casal II, também encontramos uma ocorrência do possessivo **teu** e uma do possessivo **seu** indicando posse a substantivos inanimados. A ocorrência de **teu** está ligada ao substantivo “*cuidados*” e a ocorrência do possessivo “**seu**” está ligada ao substantivo “*lado*”, os dois substantivos são inanimados. Nesse sentido, esses resultados parecem indicar que a classificação dos substantivos quanto a animados e inanimados parece não influenciar na variação dos possessivos **teu** e **seu** no âmbito da segunda pessoa do singular.

Na próxima seção, apresentaremos os resultados da análise da posição do possessivo em relação ao termo possuído.

4.5 A posição do possessivo em relação ao termo possuído

Ao analisarmos esse fator, buscamos identificar se a posição do possessivo em relação ao termo possuído pode condicionar a escolha de uma ou de outra forma variante. Para tanto, analisamos se os possessivos se encontram em posição pré-nominal ou pós-nominal; e se há preferência pelo possessivo **teu** ou **seu** para ocupar essas posições. Embora não nos aprofundemos nas discussões dos autores, essa análise é norteadada pelo estudo de Cerqueira (1996) e em Soares (1999). No gráfico 8 apresentamos os dados em porcentagem dessa análise:

Gráfico 8: A posição dos pronomes possessivos em relação ao termo possuído



Como apresentado no gráfico 8 (oito), o possessivo **teu** possui 92% das ocorrências em posição pré-nominal e apenas 8% em posição pós-nominal. O possessivo **seu**, por sua vez, apresenta 84% das ocorrências em posição pré-nominal e 16% em posição pós-nominal. Esse resultado dialoga com o estudo de Soares (1999), apresentado anteriormente, em que o possessivo **seu**, em terceira pessoa, é realizado na posição pré-nominal ou, nas palavras do autor, anteposto ao substantivo.

No estudo de Cerqueira (1996), conforme os exemplos apresentados pelo autor “seu pai” e “pai dele”, **seu** surgiria em posição pré-nominal e *dele* em posição pós-nominal. Os dados encontrados no nosso *corpus* revelam que no PB a indicação de posse para a segunda pessoa é feita com o possessivo em posição pré-nominal, independente de qual possessivo seja utilizado **teu** ou **seu**. Vejamos alguns exemplos extraídos do *corpus*.

Os possessivos **teu** e **seu** em posição pré-nominal:

(12) “[...] um forte | aperto de mão desta **tua** noiva que morre por te.” (C1_F_SD_1)

(13) “[...]Aqui <↑termino> pra não ti aborrecer | solicitando resposta <↑breve>subescrevo atenciosa- | mente a **seu** dimirador que tanto ti ama | que é, Raimundo José Soares.” (C1_M_1956_5)

No exemplo 12, é apresentado um trecho da carta da missivista do casal I, dos anos 50. Nesse exemplo, a missivista utiliza o possessivo **teu** em posição pré-nominal indicando a relação de posse estabelecida pelo laço afetivo dos missivistas realizado pela condição de noivos “**tua noiva**”.

Por outro lado, o exemplo 13, retirado da carta de número 5 do missivista do casal I, apresenta o possessivo **seu** em posição pré-nominal. Nesse exemplo também há um aspecto do PB já ressaltado por Cerqueira (1996), que é a coocorrência de artigos e possessivos pré-nominais “**a seu dimirador**”.

Os possessivos **teu** e **seu** em posição pós-nominais:

(14) “[...] É nessa hora de tristesa e inquie= | tação para o meu coração que passo | a responder a **tua** cartinha que veio | envolver-me de alegria porque cada | vez *que eu recebo uma carta tua* / sinto prazer.” (C2_F_1975_19)

(15) “[...] Querido João Não sei realmente qual o motivo que leva-me | a escrever-te esta. Talvez sejam as saudades ou mesmo as | preocupações; *porque desde a segunda feira depois do jogo | eu esperei carta sua* e não chegou nenhuma. (C2_F_1972_1)

No exemplo 14, temos um período composto por seis orações em que a quinta, em destaque, há a realização do possessivo **tua** em posição pós-nominal. Essa oração subordinada “*que eu recebo uma carta tua*” está estruturada em torno da forma verbal “recebo” (VTD), que exige o complemento “uma cartinha **tua**” (OD). Na última oração, “prazer” é (OD) de “sentir” (VTD).

No exemplo 15, por sua vez, também há um período composto por seis orações. A quinta oração “*esperei carta sua*” é subordinada e possui o verbo "esperar" (VTD) e "carta **sua**" como (OD), com possessivo pós-nominal. Na sexta e última oração “*e não chegou nenhuma*”, o verbo "chegar" é intransitivo.

Nesses dois exemplos há uma série de similitudes, as duas orações em que o possessivo se encontra em posição pós-nominal são subordinadas, os verbos que antecedem o possessivo são transitivos diretos e o possessivo exerce a função de objeto direto. Além disso, a posição pós-nominal do possessivo parece ser realizada em fins de períodos compostos por mais de 3 orações.

Essa hipótese torna-se mais possível quando vemos que, no exemplo 14, na terceira oração “*a responder a tua cartinha*” há uma ocorrência do possessivo em posição pré-nominal. Embora não tenhamos realizado o controle geral do tipo de oração em que se

encontra o possessivo, esse fator parece ser válido ao menos na análise da posição do possessivo em relação ao termo possuído.

Na próxima seção, apresentamos e discutimos os resultados do controle do fator condicionante estrutura composicional da carta.

4.6 A estrutura composicional da carta como fator condicionante da variação

Como já apresentamos, por limitações de mecanismos que fossem capazes de gravar a fala, os estudos históricos dependem do material escrito. Os textos escritos são fonte primordial para os pesquisadores em sociolinguística histórica, já que os dados, por diversos fatores, na maioria das vezes, conservaram-se nessa modalidade. Nesse sentido, a carta se configura como uma rica fonte de dados linguísticos para os que fazem pesquisas em Linguística Histórica.

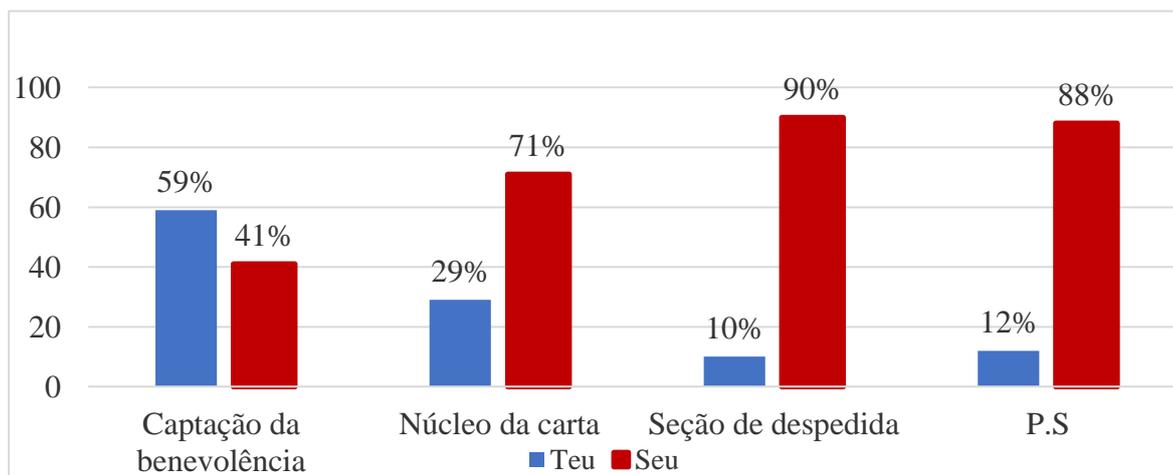
Com base nesses pressupostos, debruçamo-nos mais sobre o gênero que veicula os nossos dados, a carta pessoal. Nesta seção, apresentaremos os dados obtidos na análise da distribuição dos possessivos **teu** e **seu** ao longo da estrutura composicional das 153 cartas do sertão pernambucano. Essa análise tem como base os estudos de Lopes (2011, 2018), como discutido no tópico 3.1 “*A carta de amor como objeto de estudo para Sociolinguística Histórica*”, do capítulo III e no conceito de Tradição Discursiva.

Lopes (2011; 2018) após analisar o gênero carta apresenta como partes constitutivas desse gênero as seguintes: o local, a data, o vocativo, a captação de benevolência, o corpo do texto, a despedida e a assinatura. No entanto, a autora diz que pode haver variações nessa estrutura e até mesmo a carta não possuir todas elas.

Como prova que há variação nessa estrutura, identificamos no *corpus* algumas cartas com uma última parte constituinte, o P.S., como marcado pelos missivistas. Após escreverem a carta, caso o missivista esquecesse de dizer algo no corpo do texto, ele escrevia o “P.S:” e escrevia a informação esquecida. Dessa forma, o P.S funciona como uma pós-escrita, ou seja, algo que o missivista se esqueceu de falar no corpo do texto.

No gráfico, a seguir, apresentamos o quantitativo geral dessas ocorrências:

Gráfico 9: ocorrências gerais dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta



Fonte: o autor (2021)

No gráfico 9, podemos identificar que a variante **teu** é favorecida nas partes Captação da benevolência e núcleo da carta; a variante **seu**, por outro lado, apresenta um aumento no número de ocorrências a partir do núcleo da carta e se torna o possessivo mais utilizado nas seções de despedida e no *P.S.*

Vejamos alguns exemplos extraídos do *corpus*:

- Captação da benevolência:

(16) “[...] Recebi a **tua** carta, fiquei mui= | to satisfeito em saber notícias **tuas** | e também porque a **tua** cartinha veio | encher o meu coração de alegria pois | só o **teu** amor preenche o vacuo do | meu coração.” (C1_M_1958_13)

(17) “[...] Estou enviando esta simples lembran | cinha não sei se **irás** gostar. Só foi o que encontrei | de melhor. Espermente; caso não der mande de volta | que trocarei por outro, conforme **tsua** indicação.” (C2_F_1972_58)

- Núcleo da carta:

(18) “[...] Olhe, muito me admiro, em ser preciso mentir, **dizeres** que | não ~~h~~ias por causa do emprego e muito mas pela consideração. Acho | que falar a verdade não custa nada a ninguém ao contrário, e o | melhor é que estou sabendo de tudo. Até da **sua** paquera. Boa sorte no amor.” (C2_F_1974_13)

- Seção de despedida:

(19) “[...] Um beijão e um abraço bem forte daquela que não te esquece! me escreve! EU TE ADORO! Mite sua princesa?” (C3_F_1994_6)

(20) “[...] Thau amor! || Sua: Celma Ramos.”

- P.S:

(21) “[...] Peço que não vá mostrar estas cartas minhas a | **sua** namorada peço que faça uma fogueirinha | ou devova-me.” (C2_F_1972_2)

Os exemplos 16 e 17 representam a captação da benevolência, nessa parte da carta, geralmente, há um vocativo e a realização de pronomes clíticos e possessivos do paradigma de **tu**. No entanto, após a realização do possessivo **teu**, surgem algumas ocorrências do possessivo **seu**. No exemplo 17, mesmo tento um verbo indicando a conjugação de segunda pessoa, a missivista apresenta dúvida quanto ao qual possessivo utilizar e, assim, rasura a letra S e coloca um T “**tsua**”.

O exemplo 18 representa o núcleo da carta em que a missivista utiliza a variante **seu**, nessa parte da carta é comum que os missivistas utilizem ainda o possessivo **teu**. Os exemplos 19 e 20 representam a seção de despedida em que os missivistas utilizam a variante **seu** e sempre o seu nome ou um nome carinhoso, indicando afeto ao seu destinatário. Por fim, o exemplo 21 representa o P.S e traz a variante **seu** como o possessivo utilizado nessa parte da carta, há apenas uma ocorrência da variante **teu** nessa parte das cartas.

De acordo com Kabatek (2006, p. 157) uma tradição discursiva pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

Nesse sentido, além da estrutura da carta de amor configurar uma tradição discursiva, a repetição do possessivo **seu**, principalmente na seção de despedida e no P.S. configura-se como uma tradição discursiva. Uma vez que é estabelecida uma relação de união entre a parte da carta e um elemento linguístico, o possessivo **seu**. Com base no Conceito de Tradição Discursiva aqui discutido, esse dado é relevante por formar uma tradição discursiva que configura os modos de indicar a posse na segunda pessoa do singular em cartas de amor.

No entanto, ao analisarmos o percurso das formas **tu/você** e **teu/seu** observamos que ao longo das décadas o **tu-teu** caem em desuso e o **você-seu** ascendem. Diante disso, apresentamos no quadro, a seguir, a distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta de amor separadas por décadas analisadas para evitar generalizações precipitadas.

Quadro 13: teu e seu ao longo da estrutura composicional da carta de amor

Estrutura da carta	Possessivos na década de 1950		Possessivos na década de 1970		Possessivos na década de 1990	
	Teu	Seu	Teu	Seu	Teu	Seu
Captação da benevolência	75%	25%	50,5%	49,5%	0	100%
Núcleo da carta	75%	25%	28%	72%	14%	86%
Seção de despedida	67%	33%	8%	92%	0	100%
P. S	0	0	17%	83%	0	100%

O autor (2021)

Na década de 50, a variante **teu** representa 74% das ocorrências gerais dos possessivos (ver gráfico 2). Em se tratando da distribuição dos possessivos ao longo da estrutura da carta, a variante **teu** representa 75% das ocorrências dos possessivos na captação da benevolência e no núcleo da carta. Na seção de despedida a variante representa 67% das ocorrências, ou seja, em todas as partes das cartas, a variante é favorecida, isso porque nessa década as formas mais utilizadas são **tu-teu**.

A década de 70, por sua vez, de acordo com o gráfico 2, a variante **seu** representa 69% das ocorrências dos possessivos. Na análise da distribuição das ocorrências ao longo da estrutura da carta, identificamos que, a variação **teu/seu** só apresenta dados equiparados na captação da benevolência **teu** 50,5% e **seu** 49,5%. Nas demais partes constituintes da carta, a variante **seu** é a mais utilizada.

Por último, nas cartas da década de 90, de acordo com o gráfico 2, há apenas duas ocorrências da variante **teu**. De acordo com a distribuição das variantes na estrutura da carta, as duas ocorrências da variante **teu** 14% são realizadas na parte núcleo da carta. Nas demais partes constituintes, a variante **seu** é hegemônica.

Em geral, a análise dos dados apresentados no quadro 13, evidencia o percurso da norma vigente de uso do possessivo na segunda pessoa do singular em cada década analisada. Assim como no curso das três décadas a variante **teu** vai caindo em desuso e a variante **seu** vai se consolidando, podemos observar esse mesmo comportamento ao longo da estrutura composicional da carta.

Na captação da benevolência, a variante **teu** apresenta 75% das ocorrências na década de 50 e 50,5% na década de 70 na década de 90 não há ocorrência. No núcleo da carta essa variante manteve os 75% na década de 50, cai para 28% na década de 70 e na década de 90 ainda apresenta 14%. Na seção de despedida, a variante **teu** apresenta 67% na década de 50,

8% na década de 70 e nenhuma ocorrência na década de 90. No P.S. essa variante só apresenta 17% na década de 70. Por outro lado, a variante **seu** vai crescendo ao longo da estrutura da carta sempre se consolidando nas partes finais da carta.

Diante disso, identificamos que esse percurso das variantes **teu/seu** ao longo da estrutura das cartas configura os modos tradicionais de dizer das cartas de amor ao longo das três décadas. Nesse sentido, é estabelecida, uma relação de tradição entre as fórmulas de abertura e a variante **teu** e de fechamento e a variante **seu**. O que mostra o percurso da possível consolidação da variante **seu** na indicação de posse em cartas de amor interioranas do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenhamos lidado com problemas na constituição da amostra, como a diferença entre a quantidade de cartas dos casais e mesmo entre os casais, foi possível desenvolver as breves discussões aqui apresentadas. Dessa forma, baseando-se na análise dos resultados da variação **teu/seu**, foi possível responder a alguns questionamentos que direcionaram essa pesquisa e a verificação de algumas hipóteses e postulados.

Com base no estudo bibliográfico, observamos que nas gramáticas de cunho mais normativo-prescritivo a variante **teu** é a mais indicada para marcar posse no âmbito da segunda pessoa, não prevendo, portanto, a variante **seu**. Já nas gramáticas de cunho descritivo-funcionalista, o **teu** e **seu** são indicados para se referir à ideia de posse na segunda pessoa do discurso e *dele* e **seu** para a terceira. Também foi possível observar que a nova pronominal **você**, ainda sofre estigma por parte de alguns gramáticos, não sendo incorporada no quadro pronominal ao lado de **tu**.

A indicação de posse na língua portuguesa pode ser realizada não somente pelo uso dos possessivos, mas também em função de um núcleo sintagmático. A exemplo, a sentença *Laura possui um livro*, o verbo possuir determina o núcleo do sintagma verbal [possui um livro], portanto, nota-se que o verbo possuir exerce a função de um possessivo. Além do mais, considera-se que, no viés semântico, os pronomes possessivos têm valor de indefinição, aproximação numérica e porta valores afetivos.

Sobre os estudos já realizados sobre o fenômeno em estudo:

Em se tratando da variação entre os possessivos **teu** e **seu** para indicar posse na segunda pessoa do singular, os resultados dos estudos já realizados apresentam o possessivo **teu** como mais utilizado. De acordo com estudos tais como Arduim (2005) e Pereira (2016), a variante **teu** é mais ocorrente em relações simétricas de maior intimidade entre os interlocutores. E o pronome **seu**, por aparentar um caráter neutro, é mais ocorrente em situações assimétricas ascendentes ou quando o falante não possui certeza quanto ao como se referir ao seu interlocutor. Diante disso, passemos a apresentar os resultados que essa pesquisa trouxe para os questionamentos e hipóteses traçados.

1. **Questionamento:** como as formas **teu** e **seu** se distribuem no nosso *corpus*?

Em relação ao mapeamento da variação **teu/seu** nas cartas pernambucanas, obtivemos um resultado diferente do que foi encontrado na região Sul do Brasil. No nosso *corpus* foram encontrados 319 dados dos possessivos **teu** e **seu**, sendo 117 de **teu** e 202 da variante **seu**. A

variante **seu** é mais ocorrente que o **teu**, diferindo até mesmo do trabalho de Pereira (2016) que possui como *corpus* também cartas pessoais.

1. **Postulado:** correspondência entre **você-seu**, **tu-teu**:

O *corpus* direciona para uma correspondência de formas, prevista pelo paradigma formal, já que a nova forma pronominal **você** e o possessivo **seu**, utilizado para a referência a segunda pessoa, são as formas mais ocorrentes. Essa correspondência de formas se faz ainda mais notória após a classificação das cartas quanto à forma de tratamento utilizada: *Tu* exclusivo, *Você* exclusivo ou *TU~VOCÊ*.

Ao longo das três décadas, observamos o crescimento contínuo do uso do **você** juntamente com o possessivo **seu**. Ao longo das três décadas as cartas de simetria *Você* exclusivo representaram 22% na década de 50, 60% na década de 70 e 100% na década de 90. O possessivo **seu** acompanha o crescimento do **você** representando 26% das ocorrências na década de 50, 69% na década de 70 e 97 % na década de 90 (ver gráfico 2).

Nas cartas de *Tu* exclusivo o possessivo mais utilizado é o possessivo **teu**, nas cartas de *Você* exclusivo o possessivo mais ocorrente é o **seu**. Já nas cartas em que apareceram os pronomes **tu** e **você**, o número de ocorrências dos possessivos é condicionado pelo número de pronomes pessoais, ou seja, nas cartas em que há mais **você**, o possessivo **seu** apresenta maior número de ocorrências do que o possessivo **teu**.

Em se tratando das categorias preenchida e não preenchida de sujeito, foi possível observar contribuições para o entendimento do comportamento dos possessivos **teu** e **seu**. Como apontado por Júlio (2018), o **tu** inicia o seu declínio sendo utilizado na categoria não preenchida e já na década de 90 não possui nenhuma ocorrência. Por outro lado, o **você** cresce ao longo das três décadas ocupando a categoria preenchida de sujeito e trazendo o possessivo **seu** para indicar a posse na segunda pessoa do singular.

Na década de 90, há apenas duas ocorrências do possessivo **teu** em referência a **você** na posição não preenchida de sujeito. Ou seja, assim como a variante **seu** foi favorecida pelo crescente uso do **tu** na posição não preenchida de sujeito, o mesmo ocorre com **teu** em referência a **você**. Na década de 90, essa variante encontra forças para sinalizar duas ocorrências em referência ao **você** em posição não preenchida.

Com base nisso, respondemos ao questionamento:

2. **Questionamento:** qual o possessivo utilizado para a indicação de posse quando o **você** está na posição de sujeito?

Como apresentado no gráfico 3, na página 50, quando o pronome **você** está na posição de sujeito, 90% das ocorrências dos possessivos são da variante **seu**.

2. **Hipótese:** as mulheres preservam as formas canônicas e os homens utilizam as formas inovadoras:

No que tange a análise do fator gênero, pudemos identificar que as mulheres tendem a preservar as formas canônicas, prescritas pela gramática normativa, e os homens apresentam maior liberdade para utilizarem as formas inovadoras. Com base na teoria do Poder e Solidariedade, proposta por Brown e Gilman (1960), esses resultados justificam-se nas atribuições sociais do homem e da mulher.

As mulheres eram mais designadas ao lar e a educação dos filhos incluindo a máxima alfabetização possível. Por outro lado, aos homens cabia dar o sustento à família, tendo, muitas vezes, de viajar em busca de emprego. Nesse sentido, ao longo das três décadas, observamos que na década de 50 a missivista escreve sua única carta com simetria *Tu* exclusivo e utiliza apenas o possessivo **teu** para indicar a posse.

A missivista da década de 70 escreve 22% das cartas de simetria *Tu* exclusivo utilizando 70% das ocorrências o possessivo **teu**, 34% de simetria *Você* exclusivo com 23% do possessivo **teu** e 44% de simetria *Tu~Você* utilizando 36% do possessivo **teu**. Por último, a missivista do casal da década de 90 escreve 100% das cartas com simetria *Você* exclusivo, já que nessa década o **você** suplantou o **tu**. No entanto, a missivista ainda realiza duas 7% ocorrências do possessivo **teu**.

Em se tratando do uso das formas pelos missivistas, observamos a preferência pelas formas **você-seu**. O missivista da década de 50 escreve 19% de suas cartas com simetria *Você* exclusivo e o possessivo **seu** representa 77% do total de ocorrências. O missivista da década de 70 escreve 89% de suas cartas com simetria *Você* exclusivo utilizando 81% das ocorrências o possessivo **seu**. As outras cartas 11% são de simetria *Tu~Você* o possessivo **seu** representa 67% das ocorrências dos possessivos nessas cartas. Por fim, o missivista da década de 90 escreve 100% suas cartas com simetria *Você* exclusivo e emprega 100% o possessivo **seu**.

3. **Hipótese:** Sobre a semântica do termo possuído, acreditamos que o possessivo **teu** é mais utilizado para realizar a indicação de posse de substantivos animados e o possessivo **seu** de substantivos inanimados.

Em relação à semântica do termo possuído, esse fator não se apresentou como condicionador da variação **teu/seu**. Após a análise, identificamos que os resultados estão diretamente relacionados ao possessivo que é preferido pelos missivistas. No casal I, há preferência pelo possessivo **teu** e nos casais II e III há preferência pelo possessivo **seu** não havendo um condicionamento pelo fator semântica do termo possuído/substantivo.

As ocorrências do possessivo **teu** se distribuem em 55% em referência a substantivos animados e 45% a substantivos inanimados. O possessivo **seu**, por sua vez, apresenta 54% das ocorrências em referência a substantivos animados e 46% em referência a substantivos inanimados. Esses dados são desconsiderados por apresentarem um mínimo de 10% de diferença.

4. **Hipótese:** Em se tratando da posição do possessivo em relação ao termo possuído, o **teu** é mais ocorrente em posição pré-nominal e o **seu** é mais ocorrente em posição pós-nominal.

Na análise do fator posição do possessivo em relação ao termo possuído, identificamos que tanto o possessivo **seu** 84% quanto o possessivo **teu** 92% são realizados em posição pré-nominal. Nesse sentido, os dados encontrados no nosso *corpus*, assim como outros trabalhos consultados tais como Cerqueira (1996) e Soares (1999) revelam que no PB a indicação de posse para a segunda pessoa é feita com o possessivo em posição pré-nominal, independente de qual possessivo seja utilizado.

Um fato curioso em relação a esse fator é que nas poucas ocorrências das duas variantes em posição pós-nominal, o possessivo era realizado em fins de períodos compostos por mais de três orações. Embora não seja algo que condicione a variação **teu/seu** essa pode ser uma hipótese para a colocação pós-nominal dos possessivos de segunda pessoa. Já que, de acordo com o estudo de Cerqueira (1996), a posição pós-nominal é ocupado pela construção genitiva de terceira pessoa, o possessivo *dele*.

5. **Hipótese:** Na distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta, o possessivo **teu** seria mais ocorrente na abertura na carta e início do núcleo da carta. O possessivo **seu** seria mais ocorrente nas partes finais da carta.

Por fim, no que diz respeito ao nosso último fator linguístico selecionado, por meio da análise da distribuição dos possessivos ao longo da estrutura composicional da carta, acreditamos que as missivas amorosas, principalmente na *seção de despedida* 90% e no *P.S*

88%, evidenciam o favorecimento da variante **seu**. O emprego dessa variante nessas partes fixas da carta configura os modos tradicionais de dizer das cartas de amor.

Nesse sentido, é estabelecida, assim, uma relação de tradição entre as fórmulas de fechamento da carta e o possessivo **seu**, se configurando como uma tradição discursiva, de acordo com Kabatek (2006). Diante disso, a nossa hipótese é confirmada, sendo o possessivo **teu** mais ocorrente na abertura *Captção da benevolência* 59% da carta e o possessivo **seu** nas seções de fechamento da carta.

Com base nos resultados apresentados, chegamos a resposta do nosso terceiro questionamento.

3. Questionamento: quais os fatores linguísticos e extralinguísticos estão associados a variação da frequência de uso **teu/seu**?

Os resultados da pesquisa mostram que a posição de sujeito, as categorias preenchida e não preenchida de sujeito e a estrutura composicional da carta de amor são fatores linguísticos que condicionam a variação dos possessivos **teu** e **seu** no nosso *corpus*.

Portanto, esses resultados buscam contribuir com a descrição do português brasileiro, mais especificamente com o português da região do sertão do Pajeú. Os nossos dados delineiam a variação entre as formas possessivas **teu** e **seu** em cartas, encontradas por acaso ou sorte, que apresentam a escrita rural no sertão do Pajeú nas décadas de 50, 70 e 90.

Nesse *corpus*, ainda pequeno para realmente configurar-se como representativo da escrita nessa região, foi verificado o crescimento contínuo das formas **você-seu** e o declínio das formas **tu-teu**, no processo de variação. Há, sem sombra de dúvidas, ainda muitos questionamentos a serem desenvolvidos e respondidos sobre o tema e a necessidade da obtenção de mais dados para a representação linguística desse fenômeno na região.

No mais, essa pesquisa também apresenta lacunas que buscaremos solucionar em etapas futuras. A exemplo, podemos mencionar o controle do tipo de oração em que os possessivos se encontram e a utilização de um programa estatístico para a rodagem dos dados com o peso relativo das variáveis controladas. Além disso, sobre a indicação de posse, o *corpus* também possibilita o estudo da variação *seu/dele*, na 3ª pessoa, e das construções genitivas *de ti/de você*, na 2ª pessoa do singular.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 1951.
- ARDUIM, J. A descrição do sistema possessivo de 2ª pessoa na fala catarinense. In: **Anais da XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos do Gelne**. João Pessoa, 7 a 10 set. 2005.
- ASSIS, D. M. dos S.. **Construções com de-possessivo na 2ª pessoa do plural: um estudo sobre o percurso de *de vocês* na história do português**. *Monografia de conclusão de curso de graduação*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 2013.
<http://www.portaldeperiodicos.letras.ufrj.br/index.php/clac/article/view/75/42>.
- ATAÍDE, C. A. **A constituição de corpora sóciohistóricos do português brasileiro: edições de cartas pessoais e o modelo de Tradição Discursiva**. *Revista Diálogos*. UFMT, V. 8, n. 2, p. 01-21, 2020. ISSN 2319-0825
- _____. **Aspectos sócio-históricos dos manuscritos e impressos pernambucanos**. *Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [S.l.], v. 17, n. 28, p. 72-103, abr. 2019. ISSN 1809-3507. Acesso em: 10 jul. 2020. Doi: <https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2018.42148>.
- _____.; LIMA, T. J. S. **A variação diatópica dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX**. *Revista LaborHistórico*. Rio de Janeiro, 4 (2): 92-103, jul. | dez. 2018.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002 [1928].
- BROWN, R.; GILMAN, A. **The Pronouns of Power and Solidarity**. *American Anthropologist*, v. 4, n. 6, p. 24-39, 1960.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CERQUEIRA, V. C. **A sintaxe do possessivo no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 1996.
- COAN, M.; FREITAG, R. M. K. *Sociolinguística variacionista: pressupostos teóricometodológicos e propostas de ensino*. *Revista Eletrônica de Linguística*. vol. 4, nº 2, 2010.
- CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Editorial Gregos, 2007.
- COSERIU, E. **Linguística del testo: Introducción a una ermeneutica del senso**. Edizione italiana a cura di Donatella Di Cesare. Roma: Carocci editore, 1997.
- _____. **Lingüística del texto: Introducción a la hermenéutica del sentido**. Édition et annotation d’Oscar Loureda Lamas. Madrid: Arco/Libros, 2007.

FARACO, C. A. “O tratamento *Você* em português: uma abordagem histórica”. *Fragmenta*, Curitiba: Ed. da UFPR, n° 13, p. 51-82, 1996.

GONZAGA, L. **Riacho do Navio**. Disponível em: <https://www.kboing.com.br/luiz-gonzaga/riacho-do-navio> Acesso em: 19 de fevereiro de 2021.

HOPPER, P. J. General properties of foregrounding. In: GIVÓN, T. (ed.) **Syntax and semantics**. V. 12: Discourse and syntax, New York: Academic Press, 1979.

_____. On some principles of gramaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: J. Benjamins, v. 1, p. 17-35, 1991. _____; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HUERTA FLORES, N. Los Possessivos. In: COMPANY COMPAN. **Concepción. Sintaxis Histórica de La Lengua Española**. Segunda parte: la frase nominal. 2009: 611-757.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, Tânia *et al.* (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: Edufba, 2006.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA, T. J. S. “**Maria eu observei nas palavras que *mandastes* dizer na carta que *tu* ainda *duvidas* do meu amor, mas *você* não tem razão de assim *se* expressar**”: a variação dos pronomes pessoais *Tu e Você* em cartas de amor rurais do sertão pernambucano. Trabalho de conclusão de curso. Pernambuco: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2018.

LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. “O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos” In: **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. 1 ed. São Paulo/Campinas: FAPESP/Pontes Editores, 2007, v.1, p. 419-436.

_____. **O quadro dos pronomes pessoais**: descompasso entre pesquisa e ensino. *Matraga*, 19: 116-141, 2012.

_____ *et. al.* A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais. In: Célia Regina Lopes; Ataliba T. de Castilho. (Orgs.). **História do português brasileiro**: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. 1ed.São Paulo: Contexto, 2018, v. 4, p. 142-185.

MATTOS e SILVA, R. V. **Caminhos da linguística histórica**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, F. **Variação estilística e genericidade**: a variação de pronomes possessivos de segunda e terceira pessoa do singular. Manuscrito, 2008.

MENON, O. P. S. Reestruturação do sistema possessivo em português. In: **Anais do VIII Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná**. Umuarama: UNIPAR/FAFID, 1996a. p.334-338.

_____. **Variação e mudança:** o papel dos condicionamentos lingüísticos. *Fragmenta*, 13: 89-114. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

_____. A história de você. In: GUEDES, Marymárcia, BERLINCK, Rosane de Andrade. MURAKAWA, Clotilde Almeida de Azevedo (Orgs.). **Teoria e análise linguística:** novas trilhas. Araraquara: UNESP, 2006, p. 99-160.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. Os pronomes. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Palavras de classe fechada:** gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no Português do Rio de Janeiro.** 1982. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PEREIRA, R. de O. **O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico.** Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2016.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2010.

RAMOS, M. P. B. **Formas de tratamento no falar de Florianópolis.** Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

ROSA, E. **Sociolinguística Histórica.** *Revista de Letras* – ISSN 2179-5282 – v.17, n. 21, jul./dez. – UTFPR – CURITIBA, 2015.

SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 1969.

SILVA, A. C. A. **As formas da função acusativa em cartas de amor do sertão pernambucano: entre variação e tradição discursiva.** Trabalho de conclusão de curso. Pernambuco: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2019.

SILVA, G. M. de O. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado, 1982.

SOARES, A. S. F. Segunda e Terceira pessoa – **O pronome possessivo em questão:** Uma análise variacionista. Dissertação de Mestrado (Linguística (Linguística da Língua Portuguesa)) – UFPR, Curitiba, 1999.

SOUZA, J. P. F. de. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal:** análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].